

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA

IDENTIDADES LOCAIS E PAISAGEM : A HISTÓRIA DE UM LUGAR CHAMADO
BUIEIÉ

Viçosa
2008

Isabella Vitória C. P. Pedroso

IDENTIDADES LOCAIS E PAISAGEM : A HISTÓRIA DE UM LUGAR CHAMADO
BUIEIÉ

Monografia apresentada
como requisito para
obtenção do título de
bacharel em Geografia
pela Universidade Federal
de Viçosa

Orientadora: Maria Isabel
de Jesus Chrysostomo

Viçosa
2008

Dedico esta monografia à minha querida amiga e sogra Ana Josefa, por todo carinho, amor e apoio que dispensou à mim nos momentos mais delicados e felizes da minha vida. Esta monografia ainda é pouco, perto de tudo que você merece.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa que devo agradecer é, sem dúvida nenhuma, a minha pequena luz, Lua Clara, que se mostrou bastante madura apesar de seus 3 anos, agüentando ficar sem sua mamãe, que este ano, ficou horas presa a frente do computador, fazendo esta monografia, preparando aulas, fazendo relatórios, fazendo projetos etc. Te amo filhota, espero que você entenda sempre que tudo o que a mamãe faz, que todos os momentos que fico longe de você é para tentar crescer e, assim, poder te mostrar que vale a pena lutar pelo que você sonha. A outra primeira pessoa que devo agradecer é o meu querido marido Guilherme, que também sofreu com as minhas mil reuniões, com as minhas aulas à noite e com a minha preguiça e teimosia. À você amor, devo todo ensinamento e toda paciência que dispensou à mim. Você foi a grande surpresa da minha vida, que me trouxe alegria, carinho e esperança. Te amo.

As segundas pessoas que devo agradecer e eu agradeço sempre, são meus pais. Seu Pedroso e Dona Marilene, por todo apoio, por toda paciência que tiveram comigo durante a vida. Amo vocês, obrigada pela vida que me deram, na qual eu sempre fui feliz e livre para escolher meu caminho. A terceira pessoa que quero agradecer é a minha irmã Camilla, que sempre cuidou de mim e que me ensinou as coisas boas da vida. Te amo Cá. Você é um exemplo de irmã mais velha! Agradeço também aos meus cunhados Daniel e Vê, ao João e Xandi, Alci e ao meu sogro Sebastião e à Maria Alice por todo carinho.

Também gostaria de agradecer aos meus muitos melhores amigos de sampa, em especial a Lau, a Mait, a Pi, a Marthinha, o Cauê, o Abdi, o Dudu, o Thi, o Índio, o Bnã, o Léo, o Rô, o Vinas, a Quel, o Binho, a Elisa, a Thá e a Fê, por todos os momentos

indescritíveis que passamos juntos, que guardo com muito carinho no meu coração. Também agradeço aos meus amigos do Arqui, aos meus amigos de Brás e aos amigos que fiz nas estradas da vida. Agradeço também meus amigos de movimento estudantil, do centro acadêmico da UFV, da EREG, da CONEEG, em especial à minha irmãzinha Clarinha, ao meu compadre tio Godi, ao Favelinha, à Alê, à Camila, à Maria, à Roberta e o Torei, por todas as discussões e alegria que compartilhamos. E também agradeço aos amigos que fiz na AGB – Viçosa, em especial ao Roberto meu homem. Não poderia deixar de agradecer meus professores da graduação, em especial a minha orientadora e amiga Isabel, ao meu eterno coordenador Eduardo e, mais especial ainda, ao Léo Civale, amigo e confidente, que sempre se mostrou disposto a me ajudar e a me ver crescer. Também gostaria de registrar o meu agradecimento ao meu co-orientador Mateusinho, por todas as prosas e por todos os sonhos que partilhamos. Agradeço aos meus alunos do Cursinho por todo o aprendizado que tive com vocês e por terem despertado em mim, o amor pela docência. E, por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos do Buieie que contribuíram com esta pesquisa, em especial a Cidinha, que além de amiga é como uma mãe para mim.

Nada é impossível de Mudar

"Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar."

Bertold Brecht

RESUMO

Esta monografia estudou uma comunidade chamada Buieié, que se localiza à 14 quilômetros do centro da cidade de Viçosa. Buscamos compreender a construção de novas identidades locais entre os moradores do bairro, tanto a partir do estudo das transformações da paisagem quanto em função do contato com outras culturas. Para isso, contrapomos as histórias, os costumes e as tradições dos velhos aos novos usos do tempo e do espaço pelos jovens. Isso porque, atualmente, os jovens do bairro estabelecem contatos com outras culturas e organizações, notadamente, a partir das atividades da Organização não governamental Núcleo de Arte Viva (ONG NAVI), sobretudo os Tambores do Buieié que entre outros, proporcionou a estes jovens viajarem para outros estados a fim de encontrar outros grupos, permitindo a eles incorporarem novos valores, possibilitando a construção de novas identidades locais. Buscamos mostrar também que estas novas identidades locais se constroem mediante a união dos moradores enquanto grupos, podendo ser o grupo Tambores, o grupo de oração, o grupo da manutenção da Igreja, o grupo que organiza comemorações aos dias santos, entre outros.

Essas novas identidades locais são a fonte de novas idéias, de novos olhares, de novos valores, que permitem a esta população se enxergar enquanto comunidade. Podendo, sobretudo, lutar pela melhoria das condições de pobreza em que vivem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - O BUIEIÉ	4
1.1 - DEFINIÇÃO DE PAISAGEM.....	4
1.2 - A PAISAGEM DO BUIEIÉ	6
FIGURA 4 - CROQUI “USO E OCUPAÇÃO DO SOLO”	10
1.3 - A ATUAL SITUAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DO LUGAR.....	11
1.4 - AS MUDANÇAS NA PAISAGEM	14
CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DE UM LUGAR CHAMADO BUIEIÉ	18
2.1 - DEFININDO LUGAR PARA SE ENTENDER O BUIEIÉ.....	18
2.2 - AS VERSÕES DA ORIGEM DO BAIRRO.....	20
2.3 - A ORIGEM DO BAIRRO SEGUNDO OS VELHOS: A MEMÓRIA QUE OS VELHOS QUEREM REGISTRAR.....	21
2.4 - DE QUE MANEIRA A MEMÓRIA ORAL DOS VELHOS É CONHECIDA PELOS JOVENS MORADORES?	23
CAPÍTULO 3 - AS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO BAIRRO	26
3.1 - O QUE É REPRESENTAÇÃO?.....	26
3.2 - AS TRADIÇÕES E OS COSTUMES	27
3.3 - LENDAS E MITOS DO BUIEIÉ.....	30
3.4 - A REPRESENTAÇÃO DO LUGAR PELOS MORADORES JOVENS : A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA MEMÓRIA?	33
3.4.1 - As representações do Buieieí feita pelos jovens	34
Representação do Buieieí feita pelo jovem A.....	34
3.5 - COMO AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS PODEM ILUSTRAR A IDÉIA DE LUGAR E IDENTIDADE LOCAL?.....	44
3.6 - AS NOVAS FORMAS DE IDENTIFICAÇÃO COM O LUGAR: OS COSTUMES DOS JOVENS SERIAM UMA FORMA DE NEGLIGÊNCIA DAS TRADIÇÕES DO BUIEIÉ?	45

CAPÍTULO 4 - O COTIDIANO E OS USOS DO ESPAÇO E DO TEMPO NO BUIEIÉ	48
4.1 - LUGARES DA DIVERSÃO	52
FIGURA 17 - CROQUI: “LUGARES DE LAZER E DE RELIGIOSIDADE”	54
4.2 - OS LUGARES DE RELIGIOSIDADE.....	56
CAPÍTULO 5 - AS NOVAS IDENTIDADES LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM OS JOVENS E VELHOS MORADORES	59
5.1 - O QUE ENTENDEMOS POR IDENTIDADES LOCAIS.....	59
MUITAS SÃO AS DISCUSSÕES SOBRE UMA POSSÍVEL DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE. CASTELLS (1999) AFIRMA QUE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE SEMPRE OCORRE EM UM CONTEXTO MARCADO POR RELAÇÕES DE PODER. JÁ LE BOSSÉ (2004) AFIRMA QUE :	59
5.2 - A CHEGADA DA ONG NÁVI E AS ATIVIDADES COM OS JOVENS.....	60
CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO: A CONSTRUÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES LOCAIS?.....	66
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	68
ANEXOS.....	71

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – Igreja Católica Antiga.....	7
FIGURA 2 – Casas de Sapé do bairro Joãozinho.....	8
FIGURA 3 – Foto Aérea do Bairro.....	9
FIGURA 4 – Croqui “Uso e Ocupação do Solo”.....	10
FIGURA 5 – Relógio da CEMIG em uma casa no Joãozinho.....	11
FIGURA 6 – A Representação feita pelo jovem A	34
FIGURA 7 – A Representação feita pelo jovem B.....	35
FIGURA 8 - A Representação feita pelo jovem C.....	36
FIGURA 9 - A Representação feita pelo jovem D.....	37
FIGURA 10 - A Representação feita pelo jovem E.....	38
FIGURA 11 - A Representação feita pelo jovem F.....	39
FIGURA 12 - A Representação feita pelo jovem G.....	40
FIGURA 13 - A Representação feita pelo jovem H.....	41
FIGURA 14 - A Representação feita pelo jovem I.....	42
FIGURA 15 – A Representação feita pelo jovem J.....	43
FIGURA 16 – Croqui “O Cotidiano do Buieíé”.....	51
FIGURA 17 - Croqui “Lugares de Lazer e de Religiosidade”.....	54
FIGURA 18 – Espaço Improvisados para práticas esportivas.....	55
FIGURA 19 – Bar do Zé de Nega.....	56
FIGURA 20 – Igreja Católica em construção.....	58
FIGURA 21 – Sede dos Tambores do Buieíé.....	61
FIGURA 22 – Placa localizada a frente da Sede do Buieíé.....	63
FIGURA 23 - Apresentação na Praça Silviano Brandão.....	64

Introdução

Ao iniciarmos a pesquisa, que de início fora fruto de um projeto de extensão durante o ano de 2007, acreditávamos que os moradores do bairro nos relatariam a respeito de suas tradições afro-religiosas (candomblé, umbanda, ou seja, religiões originárias da África) e sua forte identidade quilombola. No entanto, o que pudemos constatar foi que essas tradições afro-religiosas ou não existem no bairro ou, se dão de forma reservada em locais desconhecidos e não informados à pesquisadora.

Deparamo-nos, assim, com um bairro rural onde poucos são os costumes e expressões da cultura afrodescendente, ainda que no bairro, sua população seja constituída por negros que em sua maioria são descendentes de escravos. No entanto, esse fator parece que não foi determinante para os moradores se “assumirem” enquanto quilombolas.

Considerando que o objetivo geral de nossa pesquisa foi compreender o motivo porque tal bairro não conservou parte de suas tradições, isto é, buscamos analisar o processo de construção de novas identidades locais a partir da contraposição entre os valores e práticas dos velhos e os jovens em relação aos usos do lugar e do tempo, já que novos agentes passaram a atuar na comunidade promovendo grandes mudanças. Acreditamos que este processo de construção de novas identidades locais está se redefinindo, notadamente, a partir dos “Tambores do Buieie”, uma atividade que é fruto da Organização não governamental Núcleo de Arte Viva (ONG NAVI.)

A partir dos novos usos do espaço e do tempo, buscamos também analisar como os moradores se relacionam com o seu bairro, identificando as paisagens e lugares de memória. Por outro lado, buscamos compreender as idéias dos jovens a respeito das tradições locais; como também identificar os lugares de religiosidade e de diversão dos moradores do Buieie e, por fim, tentamos compreender o que significa fazer parte dos “Tambores do Buieie”.

Nossa primeira hipótese é que os jovens do bairro, ao terem um maior contato com outras culturas e com a cidade, incorporaram valores que contribuíram para a construção de novas identidades locais, tendo como consequência a negligência da estória e tradições antigas. A segunda hipótese é que a ONG NAVI ao mesmo tempo que contribui, com suas atividades, para que os jovens não esqueçam as tradições, introjetam novos valores e ações

que estão contribuindo para a redefinição de novas identidades locais no Buieié, que, entre outras, são afirmadas mediante valorização da negritude.

Esta monografia foi realizada em cinco etapas. Na primeira, fizemos uma revisão bibliográfica sobre temas e conceitos como paisagem, lugar e identidades locais. Na segunda, realizamos visitas ao bairro com a intenção de observar o cotidiano do lugar, além de identificarmos os principais atores internos e externos que agem no bairro, tais como, os líderes do grupo e professores da ONG NAVI. Na terceira etapa, entrevistamos os professores, com o intuito de compreender a filosofia e os ideais da ONG NAVI ao promover trabalhos na comunidade e, também, entrevistamos os líderes do Buieié com o intuito de analisar a relação dos moradores com a cidade, uma vez que a maioria dos moradores do Buieié trabalham na cidade e, também, buscam lazer e diversão em Viçosa e outros municípios vizinhos. Além disso, analisamos a relação destes com o projeto do Ponto de Cultura, desenvolvido pela referida ONG. Nesta etapa identificamos também, os lugares de lazer e de religiosidade dentro do Buieié.

Na quarta etapa, fizemos entrevistas com 10 jovens (em um total de 18 alunos) que participam da principal atividade desenvolvida pela ONG - “Os Tambores do Buieié” e também, com uma ex-aluna, para compreender como esses alunos se identificam com estas novas atividades e, sobretudo, se atualmente houve algum tipo de alteração em na sua relação com o bairro. Buscamos identificar também a relação destes moradores com a paisagem do bairro e se suas transformações interferiram nos significados que estes moradores têm do bairro. Questionamos, também, aos jovens sobre sua relação com as tradições do bairro, isto é, buscamos compreender se ainda seguem algumas tradições e se conhecem as histórias dos mais velhos do bairro.

Nesta etapa propomos aos jovens que desenhassem seu bairro, para assim, conhecermos os lugares que eles mais se identificam. Para isso, solicitamos aos jovens que desenhassem os lugares que eles mais visitavam e gostavam no bairro, com o intuito de que este fosse apresentado a alguém que desejasse conhecer o bairro pela primeira vez.

Na quinta etapa, analisamos a história oral dos velhos moradores, e identificamos as principais histórias e tradições que estes possuem a respeito do Buieié.

Nos capítulos que se seguem analisaremos todas estas etapas e objetivos presentes no corpo do texto. No primeiro capítulo, faremos uma discussão sobre o que entendemos pelo

conceito de paisagem e, assim, descreveremos as principais mudanças ocorridas no Buieié e como estas mudanças interferem na vida dos velhos e jovens moradores. No segundo capítulo, abordamos a história do Buieié e, para isso, destacamos a memória dos velhos e, posteriormente, no terceiro capítulo, analisamos a representação do bairro feita pelos jovens do lugar. A idéia foi problematizar o conceito de lugar e de identidade local dos moradores. No quarto capítulo, discutimos o cotidiano do bairro e, também, os novos usos do tempo e do espaço pelos jovens moradores. No quinto capítulo, analisamos o que são identidades locais e como a ONG NAVI através de suas atividades contribuiu para a construção de novas identidades locais no bairro. E no sexto capítulo, propomos uma conclusão geral do trabalho.

Capítulo 1 – O Buieié

1.1 – Definição de Paisagem

Assim como os outros conceitos da geografia, a definição de paisagem varia de acordo com a posição teórico-metodológica adotada pelos diferentes autores. Obviamente que ao falarmos de paisagem, todos nós sabemos do que se trata, isto é, algo que é apreendido pela nossa visão e que por algum motivo nos chama a atenção. Milton Santos (2002), afirma que durante muito tempo os geógrafos entendiam a paisagem como sendo a mesma coisa que espaço, uma vez que compreendiam que o espaço era equivalente a um substrato, ou algo auto evidente. Nesse sentido, para distinguir paisagem de espaço Santos oferece um exemplo¹ para a compreensão de tal conceito, afirmando que a paisagem corresponde às formas materiais, construídas e alteradas pelo homem ao longo de sua história.

No entanto, Santos é categórico ao afirmar que a paisagem não possui uma linguagem própria, ou seja, é um grande equívoco olhar para uma paisagem e, a partir dos aspectos visíveis, escrever a história de um lugar. Para construir uma história a partir do estudo da paisagem, há que se levar em consideração tanto a história oral da população quanto a história oficial presentes em arquivos públicos. Isso porque, a paisagem é algo que selecionamos olhar e, por isso, foge à neutralidade que é impossível de ser alcançada por qualquer pesquisador.

Luchiari (2001) apesar de corroborar com a definição de Santos (2002) acrescenta em sua discussão os aspectos simbólicos da paisagem:

“ A paisagem é materialidade, mas ela é que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas. Por conseguinte, as mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas em apartado às práticas sociais” (Op. Cit. p.14)

¹ Santos cita um exemplo bastante radical: ele propõe que imaginemos uma cidade em um dia normal, com seus fixos e seus fluxos diários. E nos diz que, no dia seguinte, o presidente dos Estados Unidos planeja soltar uma bomba de nêutron que dizimaria toda a vida naquela cidade, porém as formas materiais resistiriam àquele atentado. Então a cidade, com sua vida e seus fluxos, existente um dia antes do presidente soltar a tal bomba, seria o espaço. E um dia após a dizimação da vida nesta cidade, o que restaria seriam apenas a paisagem. (p. 106)

Muitas são as bibliografias que versam sobre a paisagem, desde La Blache até, mais recentemente, os geógrafos culturais. Estes últimos a partir de 1980, segundo Melo (2001), começaram a valorizar em suas análises os aspectos simbólicos da paisagem, que antes eram negligenciados pela comunidade científica por não serem passíveis de serem medidos ou “comprovados”.

Mas então por que será importante estudar algo que nunca estará terminada, assim como a paisagem? Como Dardel (apud Luchiari, 2001), Luchiari (2001), Mikessell (2003), Cosgrove (2003), Duncan (2003) entre outros, acreditamos que o estudo da paisagem é uma importante fonte de entendimento da inserção do homem na sociedade e no mundo. A paisagem pode transparecer as técnicas empregadas pelos homens de outrora e, até mesmo, proporcionar um maior entendimento da relação e manifestação do homem para com os outros homens (Dardel apud Luchiari 2001:24).

Por outro lado, alguns autores afirmam que ao olharmos para uma paisagem enxergamos um dado espaço sob nossas próprias lentes e, talvez, isso seja umas das justificativas e legitimação da existência do aspecto simbólico da paisagem.

Sobre o aspecto simbólico, Bourdieu (2007) enfatiza o seu poder definindo-o da seguinte forma, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (op. Cit. p. 8)

Seguindo esta linha de raciocínio, Corrêa (2007) argumenta sobre as formas simbólicas e seus significados, afirmando que “As formas simbólicas são representações da realidade, resultantes do complexo processo pelo qual os significados são produzidos e comunicados entre as pessoas de um mesmo grupo cultural” (op. Cit. p. 7)

Assim, Corrêa ao relacionar as formas simbólicas à espacialidade, afirma que estas tornam-se formas simbólicas espaciais na medida em que são constituídas por fixos e fluxos, isto é, que apresentem os atributos primeiros da espacialidade. Neste aspecto destaca os palácios, os templos, os cemitérios, os memoriais entre outros, como exemplos correntes de formas simbólicas espaciais.

As formas simbólicas, portanto, também possuem uma relação direta com a identidade local de um determinado grupo, já que a partir do valor e do significado

atribuídos a determinadas formas o grupo percebe sua coesão, podendo se valer destas formas para reivindicar politicamente direitos espoliados por algum motivo.

Nesta monografia, acordamos com uma definição de paisagem que leve em consideração tanto os aspectos simbólicos quanto os aspectos materiais, uma vez que acreditamos que uma paisagem nunca morre, apenas se transforma e este processo de transformação nunca acaba, não possui um fim já que quem a transforma é a sociedade que também está em permanente construção.

1.2 A Paisagem do Buieié

Dentre todas as características do bairro, uma que nos chama a atenção, diz respeito à paisagem do lugar. O Buieié é dividido em duas partes, uma denominada Buieié de baixo e outra o Buieié de cima, este também conhecido como Joãozinho². Analisando fotos antigas e relatos dos mais velhos, percebemos que, antes, todas as casas eram feitas de sapé e telhados de palha; hoje, no entanto, algumas partes do bairro já recebem um tratamento melhor, e no caso do Buieié de baixo as casas são de tijolos e telhas de amianto ou laje, ainda que o piso destas casas sejam, em sua maioria, de terra batida. Já no Buieié de cima, denominado Joãozinho, as casas em sua grande maioria são ainda de sapé. Importante destacar que isto não está relacionado à resistência cultural, já que a população que ali reside é extremamente pobre e, por esse motivo, não têm condições financeiras para possuir uma moradia de tijolo, como os moradores do Buieié de baixo.

A paisagem do bairro é algo que desperta curiosidade, pois consegue mesclar um ar rural com um urbano. Ao entrar no bairro, nos deparamos com plantações de milho e café e, a seguir, um grande pasto que é paralelo ao campo de futebol, que aos domingos se torna área de lazer dos moradores (Ver figura 2). Dos dois lados do campo de futebol existem bares (Bar do Léo e Bar do “Maucinho”), que fornecem a “cervejinha” e a cachaça à torcida aos domingos, dia em que o futebol acontece. Seguindo a rua principal³, local do bairro onde se concentra as áreas de lazer e de comércio, residem a família Máximo Lino,

² Esta divisão, Buieié de cima e outro de baixo foi cunhada pelos próprios moradores, no entanto, a título de localização, não existem rixas e nem diferenças entre os dois, a não ser estas levantadas pela pesquisadora

³ Não apresenta calçamento.

em um total de cinco casas. Na frente da última casa dessa família, a prefeitura instalou um orelhão público, que nem sempre funciona. É, neste mesmo lugar que o ônibus, que conduz as pessoas à cidade, tem seu ponto. Ao lado deste ponto de ônibus, existe o Bar do Zé de Nega, local muito freqüentado pelos moradores, sobretudo nas sextas e sábados devido ao forró.

Na rua principal, encontramos mais quatro casas da família Máximo Lino e ao lado, antes do córrego, existe uma igreja evangélica que fica aberta nos finais de semana e feriado. Nesta mesma rua, existe apenas uma casa desocupada, com a presença de lotes baldios e alagadiços por causa do córrego que passa próximo dali (ver figura 4). A rua principal termina em uma bifurcação, a sua esquerda se chega ao lugar denominado Joãozinho (após descer uma grande ladeira) e, a direita, nos deparamos com uma rua que possui cerca de 20 casas, todas elas de tijolo. Esta pequena rua, dá acesso ao ponto de Cultura, à Igreja Antiga (figura 1) e à Nova e, também, ao lugar onde os jovens improvisaram uma quadra de futebol.



Figura 1- Igreja católica Antiga

Autora: Isabella, Data: Outubro de 2008

O bairro do Joãozinho, por sua vez, possui uma paisagem um pouco diferenciada da outra parte do Buieié, uma vez que possui casas mais antigas e pior estruturadas. Depois de descer o ladeirão, atravessamos uma pequena ponte que passa sobre o rio Turvo, a partir daí nos deparamos com milhares e áreas de pastagens, as ruas do Joãozinho são bastante estreitas. Seguindo nesta única rua, nos deparamos com 2 casas muito próximas uma da outra que são de barro (ver figura 2), e à esquerda ao fundo, existem 3 casas que parecem

ser muito antigas mas, que no entanto, possuem antenas parabólica e luz elétrica. No Joãozinho é muito comum esta formação, de três casas em um quintal. Importante destacar que na maioria destas casas, a comida é feita em fogão de lenha, dado às dificuldades financeiras da população. Na parte do Joãozinho, o serviço de saneamento é precário tornando-se constantes as reclamações das crianças sobre doenças relacionadas à água.



Figura 2- Casas de Sapé do bairro Joãozinho

Autora: Isabella, Data: Outubro de 2008

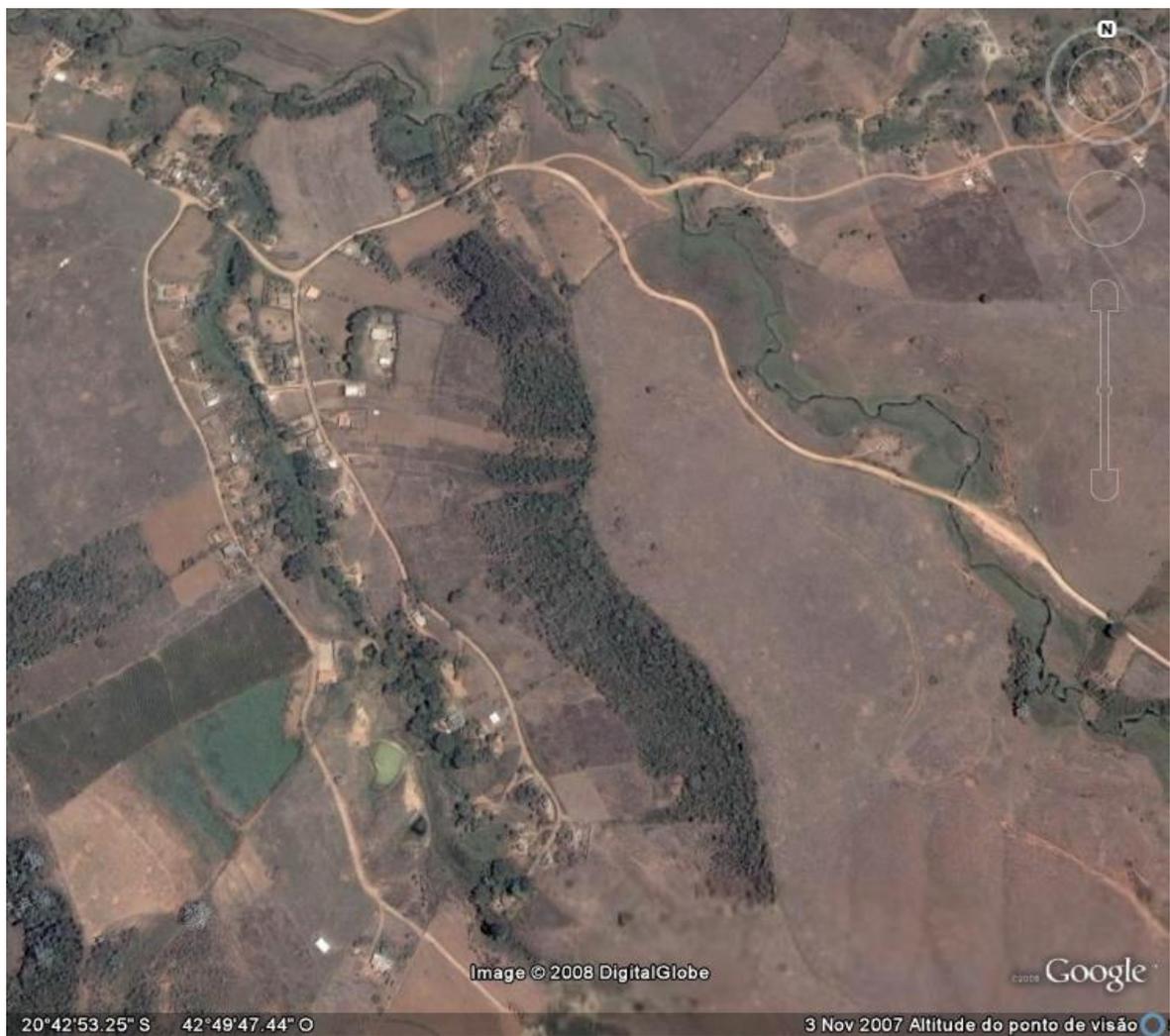


Figura 3 – Foto área do bairro Buieie

Fonte: Google earth, Data: Novembro de 2007

1.3 A atual situação sócio espacial do Lugar

Atualmente o bairro tem pouco mais de 60 casas, totalizando aproximadamente 400 pessoas residentes no local⁴. A maioria das casas visitadas possui uma pequena horta ao fundo de seus quintais, onde é cultivado, sobretudo, folhas e legumes que subsidiam a alimentação diária. Observou-se que existe uma grande preferência pelo plantio de mandioca associada ao milho e feijão. Como salientaremos nos capítulos posteriores, é muito comum a criação de porcos em confinamento e de galinhas caipiras que ciscam por toda parte do terreiro .

A partir dos relatos dos velhos e dos jovens do bairro, pudemos notar que a paisagem do Buieié sofreu mudanças em decorrência de uma suposta “modernização”, tais como, a abertura de ruas no bairro e, mais recentemente, a chegada da luz, e aparelhos eletrodomésticos. Nesse sentido, observamos que todas as residências possuem luz elétrica que é fornecida pela empresa CEMIG, que distribui de forma individual ou compartilhada.

Já a empresa SAAE, que faz o tratamento apenas da água, também possui clientes no local, no entanto, uma parcela de aproximadamente 18 casas utiliza água de poço. Em relação ao esgoto, todos utilizam fossas, uma vez que a empresa não oferece esse tipo de serviço.



Figura 5 – Relógio da CEMIG em uma casa do Joãozinho

Autora : Isabella, Data: Outubro de 2008

⁴ Fonte: Relato informal dos moradores do bairro e análise de foto aérea do Buieié.

A grande maioria das crianças, com idade entre 4 e 10 anos, estuda em uma escola rural chamada Tico-Tico, que atende também as crianças dos bairros da Violeira, Zig-Zag, Buieié, Posses de Santa Teresa e Córrego Fundo. A escola é gratuita e a prefeitura de Viçosa disponibiliza condução para que estas crianças se desloquem até a mesma. Já os adolescentes, com idade entre 11 e 20 anos, se dirigem ao bairro Silvestre ou para a Universidade Federal de Viçosa, na Escola Estadual Effie Rolfs,. Neste último caso devido à distância e também pelo fato do horário da escola ser noturno⁵, o índice de faltas, reprovações e desistência é elevado. Os pais destes adolescentes, por sua vez, são em sua maioria analfabetos ou precariamente alfabetizados, isto é, escrevem poucas palavras e lêem com bastante dificuldade. Tanto homens quanto mulheres, em sua maioria, trabalham na cidade ou em bairros próximos do Buieié como auxiliares, empregadas domésticas, construção civil e, principalmente, em serviços temporários como nas colheitas de café durante a alguns meses do ano.

Uma das grandes reclamações destes moradores, diz respeito à dificuldade de locomoção para a cidade. Afirmam que residir no Buieié é um agravante para não se conseguir trabalho na cidade, devido a sua grande distância, aproximadamente 14 Km do centro da cidade. Mais recentemente, a partir do ano 2000, a empresa União começou a fazer um trajeto que interliga bairros rurais - incluindo o Buieié - com a cidade, a linha de ônibus que atende no Buieié possui apenas três horários que funcionam de segunda à Sábado. Houve uma mobilização dos moradores para que isto de fato acontecesse. Mesmo assim, conforme os relatos dos moradores, a linha de ônibus oferecida não é a satisfatória, cabendo ainda muitas lutas para que se mude este quadro. Assim, para quem necessita chegar ao Buieié no domingo é preciso pegar uma condução que deixa a alguns metros do “centro” do bairro e esta possui apenas um horário. Isto significa que se os moradores mais velhos do bairro necessitarem sair por qualquer motivo isso não é possível, pois não há condução. Além disso, durante os dias chuvosos, a empresa União não faz a ligação dos bairros rurais à cidade, uma vez que o acesso aos mesmos é feito por estradas de terra que, por não terem tratamento adequado – aplainamento, alargamento, cascalho etc – acabam facilmente virando armadilhas para os veículos, que atolam com facilidade.

⁵ a partir do 1º ano do ensino médio, por opção dos próprios estudantes residentes no Buieié

Ainda em relação ao deslocamento das pessoas, vale destacar que o bairro não possui postos de saúde e, por isso, a população do Buieieé quando necessita de atendimento tem que se dirigir ao posto mais próximo que fica no bairro Silvestre⁶.

Já em relação aos espaços de lazer, somente os adultos os possuem, as crianças e os adolescentes ficam à mercê destes espaços, uma vez que não existem locais onde possam brincar e onde os adolescentes possam se reunir.

Pensando nestas condições, a partir do ano 2000 a Organização não governamental Núcleo de Arte Viva (ONG NAVI), presidida e composta por professores da Universidade Federal de Viçosa (UFV), moradores e artistas dos bairros rurais, incluindo o Buieieé, começaram a desenvolver atividades com os adolescentes e as crianças. Entre os adolescentes, a ONG NAVI, proporciona aulas de percussão aos finais de semana – Os Tambores do Buieieé – ministradas pelo professor Thyaga (residente da Violeira).

Não existem condições para estar no grupo Tambores, pois de acordo com a filosofia da ONG, o objetivo é criar uma consciência de que a escola é, também, um lugar de aprendizagem que se dá não só através do livro didático, mas também, através do diálogo entre os colegas e professores. E, ao que parece, este método repercutiu positivamente, uma vez que todos se encontram matriculados em escolas da cidade.

Entre as crianças, a pesquisadora desta presente monografia, ministra aos domingos aulas de educação artística e recreação. Alguns dos desenhos feitos nas aulas culminaram na confecção de uma cartilha a respeito da origem do bairro. Entre os adultos, porém, a ONG NAVI em parceria com o Centro de Tecnologia Alternativa da Zona da Mata (CTA ZM) desenvolve atividades de geração de renda, das quais destacamos a padaria, onde os moradores do Buieieé, do Zig Zag e da Violeira fazem pães para vender, compartilhando os lucros e administrando dívidas. Além disso, o CTA constantemente cede o seu espaço para a realização de seminários sobre diversas questões. Existem, também, outros agentes que são parceiros em atividades, como por exemplo a Igreja Católica⁷ do bairro, que cede o seu espaço para a realização de oficinas de costura, de pintura e, até mesmo, de alfabetização sejam realizadas.

⁶ No entanto, em casos mais graves, a prefeitura de Viçosa disponibiliza uma ambulância que necessita ser contatada pelo único telefone público isto e ele não estiver quebrado, como é de costume) que existe no bairro.

Acreditamos que estas oficinas e as aulas de recreação e percussão, não possuem um caráter assistencialista, “tapando os buracos” que a escola, mais especificamente, a prefeitura não são capazes de fazê-lo, mas sim a construção coletiva de uma consciência de que fazemos parte da construção de uma história (e de uma geografia) e, como tal, necessitamos agir para alcançar nossos sonhos e objetivos.⁸

1.4 – As mudanças na paisagem

Antes de falarmos das mudanças da paisagem do lugar é importante salientar que, assim como Luchiari (2001), acreditamos que a paisagem de um lugar nunca morre, apenas se transforma em outra, ou seja, a paisagem sempre irá existir, porém ao ser transformada incorporará outros significados e outras funções que, certamente, trarão modificações inclusive na percepção dos moradores em relação ao seu lugar.

Através dos relatos, tanto dos jovens quanto dos velhos, pudemos observar que muitas foram de sua mudanças na paisagem . No Buieié, as transformações da paisagem que foram destacadas entre os jovens e velhos se referem, principalmente, à chegada da luz no bairro que teve como primeiro impacto o corte de árvores para viabilizar a passagem dos fios até as residências. Como destacado no relato de uma moradora antiga:

“...teve uma vez que bateu a porta uns 4 homens, pedindo uma licença pra corta a árvore, que eles tavam cortando tudo quanto é árvore, que eles eram mandado. Diziam que não haveria de ter nenhuma casa de sapé mais, e que as casas deveriam ter as árvores cortadas pra não atrapalhar os fios dos poste de luz daí eu dei licença e eles cortaram as árvores. Quando terminaram disseram que iam voltar na semana seguinte com os postes e com os fio pra ter luz aqui “ (Moradora L - não sabe sua idade, data: outubro de 2007)

⁷ Existem 2 igrejas no bairro, uma católica e outra evangélica, esta última não desenvolve nenhum tipo de atividade até o momento.

⁸ Importante destacar, que tanto o professor Thyaga quanto a pesquisadora desta monografia (que não é vinculada a ONG NAVI, trabalha voluntariamente), não acreditam serem os “salvadores da pátria”, mas acreditam que pequenas ações podem fomentar grandes mudanças, principalmente, nas visões de pessoas que acham que não há mais alternativa e que todos estamos fadados a ter um destino “fechado” e não contingente.

Aliado à chegada da luz, temos a história contada pelos velhos de como era feito o deslocamento das pessoas dentro do bairro, uma vez que não existiam ruas abertas, apenas trilhas . Como nos relata outra moradora antiga:

“aqui num tinha caminho nem pra charrete, nem pra moto, nem pra carro nem pra nada, quando a gente ia ganhar nené a gente tinha que ir de carro de boi.. meu último filho que nasceu na cidade, passei um aperto danado, quase nasce no caminho.”(Moradora M - 79 anos, data: outubro de 2007)

As mudanças mais recentes do bairro foram sentidas pelos jovens que destacaram, principalmente, o crescente desmatamento da vegetação nativa para abrir áreas de pastagens. Nos relatos, eles colocam que os proprietários dos terrenos alugam áreas para os fazendeiros da região para que estes criem seus bois e cavalos. Ilustramos este aspecto na fala de nosso entrevistado E:

A mata daqui é que foi toda desmatada. Olha ali pra frente, tá vendo aqueles coqueiros ali no pasto? Sabe por que eles ainda estão lá? Porque não tem serventia, se não eles já não estariam mais lá com certeza. Hoje quase não tem mais sombra aqui no Buieié, tudo é pasto. (Entrevistado E, 15 anos, data: outubro de 2008)

Outro aspecto relevante da paisagem “transformada” do Buieié é que, além dos pastos que foram instalados no fundo do bairro, mais recentemente, foram plantados eucaliptos e “pinos”⁹ que, com certeza, não faziam parte da paisagem do Buieié há alguns anos atrás.

Conclui-se, então, que pelo fato dos terrenos do Buieié serem menos valorizados em decorrência de sua localização, muitos fazendeiros e plantadores, arrendam essas áreas para assim obter o máximo de lucro possível. O arrendamento de terrenos também é uma forma

⁹ madeira utilizada para a fabricação de móveis e de sustentação para casas

de arrecadação dos moradores do Buieié, apesar de que são poucos os proprietários residentes ou nascidos no Buieié que possuem grandes lotes.

Neste sentido, acreditamos que as transformações da paisagem do Buieié geraram impactos materiais e simbólicos nas formas de uso e apropriação do espaço. Portanto, em relação a significação do bairro para os moradores, notamos que esta foi bastante alterada pois os referenciais identitários anteriores foram alterados, forçando os moradores do lugar a buscarem outras formas materiais ou simbólicas para se sentirem pertencentes ao lugar. Assim, corroborando com o pensamento de Rogério Haesbaert, discutido em muitos de seus textos, acreditamos que, de fato, um grupo percebe sua coesão a partir do momento em que possui referenciais identitários comuns e no momento em que estes referenciais são alterados ou modificados, simbólica ou materialmente, o grupo buscará se identificar com outras formas (materiais ou simbólicas), uma vez que não existem pessoas sem identidade¹⁰. Neste aspecto, tanto individual ou coletivamente há uma necessidade de busca por referenciais identitários espaciais para que o grupo sintase pertencente ao lugar.

Notamos que as mudanças no lugar e as próprias limitações sócio econômicas do bairro levaram a comunidade do Buieié, devido a um contato mais freqüente com a cidade de Viçosa, a incorporar valores e concepções de mundo, que refletiram tanto na melhoria das habitações do bairro quanto na infra estrutura. Como nos relatados, estas mudanças estiveram relacionadas à abertura de ruas, à construção de moradias com a utilização de novos materiais como o cimento, à instalação da luz elétrica e da água encanada, ou seja, as mudanças tiveram como consequência uma melhoria na infra-estrutura do bairro.

Desta forma, todas essas transformações na paisagem do lugar fizeram com que os moradores do bairro passassem a desenvolver entre si outras relações, redefinindo suas identidades. Neste sentido as identidades construídas agora, se referem a um Buieié que luta por condições adequadas à reprodução de uma digna vida social. Assim, os moradores passaram a reivindicar melhorias estruturais para o Buieié, sendo uma delas a criação de linha de ônibus para percorrer o interior do bairro. Também de acordo com o relato da líder do bairro, novas reivindicações serão feitas mediante a criação futura de uma associação de

¹⁰ Exceção aos refugiados e aos acampados que por estarem em condições temporárias, geralmente não buscam referenciais identitários na paisagem

moradores do Buieié¹¹. Isso demonstra que os moradores do Buieié, se enxergam enquanto uma comunidade e se valerão disto, para reivindicar seus direitos frente aos órgão competentes.

¹¹ Tais como uma creche comunitária, postos de saúde dentro do bairro, iluminação pública e construção de áreas de lazer.

Capítulo 2 – A história de um lugar chamado Buieié

2.1 - Definindo lugar para se entender o Buieié

Assim como os outros conceitos da geografia, o conceito de lugar pode ser compreendido a partir de muitos ângulos e perspectivas teórico-metodológicas, ou seja, sua definição está condicionada ao posicionamento defendido pelos diferentes autores.

A perspectiva fenomenológica de lugar enfatiza as experiências do vivido e as comunicações intersubjetivas, tendo como preocupação de não ser compreendida como um psicologismo reducionista.(GOMES, 1995).Um dos mais representativos exemplos desse olhar é o de Tuan (1977), que define o lugar como sendo “.. *qualquer objeto estável que capta nossa atenção*” (Op. Cit. p.179). E completando seu raciocínio, ele afirma que:

“Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não através do olho crítico ou da mente.” (Tuan, 1977: p.180)

Um segunda perspectiva empregada para compreender o conceito de lugar é a materialista – ou “marxista”. Santos (2002) se referindo a uma redescoberta da dimensão local em um contexto de globalização, afirma que o lugar é o “..*intermédio entre o mundo e o indivíduo*”(Op. Cit., 2002: p.314). Segundo o autor, é no lugar onde os diferentes *tempos* se encontram e se superpõem dialeticamente, ou seja, é no lugar onde os ditos tempos externos se encontram com os tempos internos, estes correspondendo ao cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, formas e instituições (Op. Cit. p.322).

Ao discutir tal conceito, Carlos (1999), por sua vez, define lugar:

“... em sua essência, produção humana, visto que se reproduz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas de apropriação para a vida”

Observamos assim que Carlos (1999) e Santos (2002) compartilham de posição semelhantes em relação ao conceito, isto é, enxergam na materialidade do espaço o *locus*

onde o cotidiano se concretiza. Em outras palavras, a partir do momento em que o homem constrói o lugar onde irá viver, ou a partir do momento em que ele “humaniza a natureza”, ele transforma-se a si mesmo. E neste momento, o homem cria laços afetivos e identitários com o espaço que construiu e que nunca estará totalmente acabado. Segundo Santos, esses lugares são, por assim dizer, palco de paixões humanas e onde a criatividade se faz.

Mais recentemente, Massey (2008) definiu o lugar como eventualidade, isto é, onde as diversas histórias acontecem e onde possivelmente elas se cruzam, e o fato de defini-lo como eventualidade pressupõe que ele está sempre em mutação¹²

Nesta monografia, corroboramos com esta definição de lugar como sendo o encontro de histórias, que está sempre em constante mutação, evidenciando que o lugar é fruto da construção humana. Nós, compartilhamos, portanto, com a definição de lugar proposta por Massey (2008), pois a autora ao definir tal conceito, leva em consideração aspectos como a história e a memória da população local e da população que “passa” frequentemente por este lugar, ou seja, as diferentes trajetórias.

Para melhor compreender as relações espaço-temporais que se estabelecem no Buieíé, iremos recorrer a memória dos seus moradores, e assim recorreremos o conceito de história oral e da memória para elucidarmos algumas dúvidas que podem surgir acerca do significado destes dois conceitos.

No que se refere ao conceito de memória e sua relação com um dado grupo social, Alberti (2005), esclarece que

“A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade”(p.167)

Quanto a concepção de história oral e sua relação com a memória de um grupo, Lopez (2008), esclarece que: “..uma narrativa construída a partir do que cada um guarda

¹² Se valendo da noção de totalidade, exemplifica o conceito de lugar através dos movimentos pendulares existentes entre as cidades de Londres e Milton Keynes, afirmando que ao se deslocar para seu trabalho, fazendo este trajeto mencionado acima, a Londres deixada para trás não será a mesma quando ela retornar, e nem a própria autora será a mesma.

seletivamente em sua memória. Ela corresponde a como organizamos e traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos” (p.37)

Nesse sentido, acreditamos que o entendimento das relações que se estabelecem em um bairro deve perpassar pelo entendimento de sua história, isto é, as relações dos que nele habitam, pois este processo auxilia o grupo a se identificar e a criar laços afetivos com seu lugar. Por outro lado, para se conhecer as mudanças ocorridas no espaço, efetuadas por seus antepassados, é preciso recorrer também a memória dos seus moradores com o objetivo de entender as transformações ocorridas e a construção de novas paisagens. Assim como Abreu (1998), acreditamos que:

“A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades [e de bairros também]. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável [...]”

Desse modo, buscaremos destacar como a memória e a história oral de uma população torna-se fundamental para a construção da história do lugar, já que muitas vezes, a literatura e os documentos oficiais registram apenas a memória do governo e da elite. Em outras palavras, “guardam” apenas os momentos de glória de seus governos e das elites, não levando em consideração a vida de outros segmentos da população, descartando assim a memória desses grupos.

2.2 – As versões da origem do bairro.

A história da origem do bairro possui duas fontes principais, a literatura e a história oral dos velhos moradores. Na primeira destacam-se autores como Ricardo Alencar (1951) e Geana Pereira (2001), que afirmam que o Buieie se originou mediante a doação de terras por uma senhora chamada Nhanhá do Paraíso, no século XIX. A prática de doação de terras era comum neste século, sobretudo para os escravos que os senhores possuíam algum tipo

de afeição. Esta tinha como objetivo o estreitamento dos laços com estes escravos para que continuassem a prestar-lhes favores.

No entanto, um problema foi constatado acerca destas duas versões de origem do bairro. Ricardo Alencar (1951) ao contar essa versão da origem do Buieié, se refere a um outro bairro chamado Buieié, que se localiza na estrada que segue para a cidade de Paula Cândido e não o Buieié onde G. Pereira (2001) estudou, que se localiza próximo ao bairro rural da Violeira.

A constatação de que havia dois bairros chamados Buieié ocorreu mediante o resgate da história oral destes velhos, pois ao serem indagados sobre esta prática de doação, que Alencar (1951) afirmava que existia e que deu origem ao bairro Buieié, estes se sentiram ofendidos, negando-a totalmente.

Portanto, observamos, que a história oral dos velhos não foi levada em consideração por Pereira (2001), que apenas transpôs a história de um bairro com o nome de Buieié, que não condizia com o bairro Buieié que ela estava estudando.

A segunda versão – melhor discutida no próximo item – é relatada pelos moradores mais antigos do Buieié (com idade entre 72 e 89 anos). Nesta, os moradores entrevistados afirmam que o bairro surgiu a partir da compra das terras pelos seus antepassados, mediante muito trabalho. Contudo, não existem registros datados da compra dos lotes mencionados pelos moradores velhos¹³.

Como destacado acima, observamos que a história oral está intimamente relacionada à memória de um grupo, reavivada através de sua fala. Com efeito, a história oral dos velhos do bairro do Buieié trouxe à luz versões desconhecidas do restante da população, principalmente dos mais jovens e crianças.

2.3 A origem do bairro segundo os velhos: a memória que os velhos querem registrar

Como destacado acima, há dúvida em relação a origem do bairro, assim procuraremos a partir dos relatos dos mais velhos moradores identificar a sua origem.

¹³ A maioria dos moradores do Buieié não possui documentação que comprovem a propriedade de suas terras.

Um importante aspecto a se destacar diz respeito ao fato destas histórias terem sido relatadas para a pesquisadora em diferentes momentos e ocasiões, e que os velhos moradores entrevistados quase não têm contato uns com outros, dado as dificuldades de se deslocarem no bairro.

Na visão de seu João de Deus, o bairro teria surgido da seguinte maneira:

“Aqui é tudo comprado, com muito suor, a dona do terreno foi uma mulher que batizou seu criado e ele, foi quem vendeu essas terras aqui (*e a história da Nhanhá do Paraíso que doou suas terras aos escravos?*) ah! A Nhanhá do paraíso é lá em Viçosa, ela é filha do Calirto Milagres, ela já foi moradora daqui, o pai e o avô dela dividia o terreno aqui com nós, daí quando o avô morreu, ele repartiu pros filhos e os filhos foram vendendo . Minha avó que comprou, tenho os papéis todos aí, qué dizê vô te contá a história, minha avó tinha uns papéis dizendo que o terreno era dela, daí eles acharam por bem deixar a escritura aos cuidados do Pinto Coelho que era uma pessoa que trabalhava no cartório, só que daí ele e a mulher dele morreram e a escritura continuou lá. Só que este terreno aqui é meu, eu já fui chamado em Fórum porque tem um parente (primo) que tá querendo falar de usucapião pra ele, o processo ainda tá parado, o oficial de justiça já veio aqui três vezes. Esse primo nem nascido aqui é . Ele veio aqui sem a gente saber do que se tratava , tirou nome meu, nome de Dedinha , com carta precatória com o prazo de a gente desocupar num prazo de 15 dias e isso já vai fazer 1 ano em outubro. Inventaram até uma história de uma mulher que nunca teve filho, daí esse cara foi lá no cartório, mudou os nomes dela lá e disse que era filho dela. O advogado tá ajudando eles, é tudo mentira , mas verdade está aqui (*apontando para coração*) e Ele (*Deus*) sabe de tudo”. (Entrevistado N- 73 anos, data: outubro de 2007)

Uma das moradoras mais antigas do bairro também nos relata sua versão acerca da origem do bairro, que legitima a história de que as terras do bairro foram compradas:

“meus avós que eram escravos compraram da madrinha de batizado de meu avô (Zacarias Ferreira e avó chamava Maria Luíza do Carmo) essas terras com muito custo, e foram loteando, sei que eu casei com João que é

meu primo-irmão, eu não queria casar porque eu era mais velha e já tava com 39 anos, nem o padre queria casar a gente, mas daí o João insistiu e eu acabei casando, desse jeito a gente ganhou esse lote, nossa primeira casa foi ali ó (*apontando da janela um esqueleto de casa próxima do rio*) mas ela num prestava, daí nós construiu essa que você tá vendo.” (Entrevistado O– 82 anos, data: outubro de 2007)

Outro morador do bairro, seu Luís, nos relatou a mesma versão sobre a origem do bairro, afirmando que: “...esse terreno foi herança, meu pai e minha mãe compraram esse terreno aqui.” (Entrevistado P– 77 anos, data: outubro de 2007)

A história da origem do bairro, foi um importante passo da história deste lugar que os velhos queriam registrar. Uma vez que acreditamos que muitas foram as confusões acerca da origem do Buieié, principalmente, pelo fato de existirem dois Buieiés. Outro fato relevante que está relacionado à esta confusão diz respeito à falta de documentos que comprovem a propriedade dos moradores do bairro, como também, pelo fato dos relatos destes moradores, em alguns momentos, divergirem acerca da origem do bairro.

Portanto, ao cruzarmos os relatos e as histórias, concluímos que a história do Buieié (que estamos estudando) teve início com a doação das terras por parte de uma mãe (dona Nanhá do Paraíso) para seus filhos, e não para seus escravos. Estes filhos, por razões que desconhecemos, acabaram vendendo estas terras herdadas para terceiros, ou seja, para os antepassados dos velhos do Buieié. Já o outro Buieié (o localizado próximo a Paula cândido) teve origem mediante a doação de terras por esta senhora Nanhá do Paraíso para seus escravos. Nesse sentido, acreditamos que a origem do Buieié (que estamos estudando) esteve diretamente relacionada à compra destas terras pelos antepassados (que também eram escravos forros) dos moradores do bairro.

2.4 De que maneira a memória oral dos velhos é conhecida pelos jovens moradores?

Uma das questões presentes em nossa entrevista com os jovens se referia à crença deles nas histórias contadas pelos velhos e se eles seguiam alguma das tradições destes. A

importância desta questão é de reafirmar nossa hipótese de que os jovens não seguem mais as tradições e que possuem outras relações com seu espaço e o tempo. Obviamente, não esperávamos que os jovens seguissem os mesmos “caminhos” e tivessem os mesmos costumes que os velhos, entretanto queríamos compreender como as mudanças se processaram no lugar e de que forma influenciam novos comportamentos. Por esse motivo, indagamos aos jovens se conheciam a história contada pelos velhos sobre a origem do lugar. Verificamos nas suas respostas que apesar do bairro ser relativamente pequeno, os jovens entrevistados desconhecem totalmente a história narrada pelos velhos, o que demonstra a falta de comunicação entre as gerações.

No entanto, alguns dos jovens entrevistados relataram que conhecem apenas a história de que os seus antepassados eram escravos, como nos relatos a seguir:

Não conheço nada. O que a gente ouve falar é o que o pessoal mais antigo pegou a época dos escravos. O seu João já me falou uma vez que as terras foram compradas e que engordavam porco pra comprar carta de alforria. (Entrevistado E -15 anos, data: outubro de 2008)

Ouvimos as histórias do seu João, lá do Joãozinho, ele já me disse uma vez que era dono de tudo isso daqui. Mas eu não acredito não. (Entrevistado B – 16 anos, data: outubro de 2008)

Outros jovens entrevistados apesar de demonstrarem o pouco conhecimento sobre a história do bairro relatada pelos velhos, conhecem ao menos os códigos e as regras do passado, que foram transmitidos da geração mais antiga para a mais nova, como no relato a seguir:

Não lembro muito não. Antigamente não era como hoje, não existe mais bença pra dormir, só pra sair, não falam mais senhor ou senhora e sim você, tudo tem limite né? Tinha que esperar 1 mês para sair quando alguém morresse. Tem uma história de uma moça que desobedeceu essa

regra e aí a assombração do fantasma apareceu pra ela, quando ela voltou pra casa o pai já tinha trancado a porta e ela não tinha avisado o pai que tinha saído, daí teve que dormir no paiol com frio e medo.(Entrevistada C – 21 anos, data: outubro de 2008)

No entanto, um aspecto interessante foi o de constatar que a grande maioria dos adolescentes entrevistados não acredita nas histórias contadas pelos velhos, e acham que são invenções dos velhos para fazer os jovens os respeitarem, como nos relatos a seguir:

...cada um tem a sua crença acredita no que quiser.. eu acredito até certo ponto porque eu não tava naquele tempo pra dizer se é mentira ou verdade. Eu não sei se acredito, cada um acredita no que quiser né? (Entrevistada I– 17 anos, data: outubro de 2008)

Não conheço nenhuma, acho que as histórias que eles contam é tudo lenda, velho gosta de inventar as coisas. (Entrevistada J – 17 anos, data: outubro de 2008)

Acreditamos que esta negligência da história, por parte dos jovens, relaciona-se ao fato destes a desconhecerem, isto é, de não terem interesse em compreender como se deram as lutas para que seus antepassados conseguissem aquele “pedaço de chão” onde, atualmente, estes jovens moram. E isto faz com que estes jovens busquem outras histórias e outras culturas para se “espelharem”, promovendo desta forma, um importante processo de hibridização de culturas que teve também como consequência a construção de outras identidades locais no Buieié

Capítulo 3 As formas de representação do bairro

3.1 O que é representação?

Muitos são os debates acerca do papel da representação na geografia. Sendo a questão a indissociabilidade entre o espaço e o tempo, isto é, por meio dos mapas, das pinturas e outras formas utilizadas pela sociedade é possível compreender a maneira como nos relacionamos com nosso espaço, num dado contexto. Embora as representações não consigam abarcar toda a dinâmica do tempo e do espaço, estas não são imóveis e estáticas e, por isso, talvez, consigam apenas apreender um dado instante, mas não o movimento como um todo. No entanto, não queremos nesta monografia nos adentrar nas especificidades deste debate, mas destacar algumas reflexões sobre representações, no âmbito da Geografia. Neste aspecto, conforme nos informa Moreira (2007), a representação na geografia:

“... busca na paisagem (a imagem) os detalhes que tenham constância, isto é, que se repitam, de forma a por meio da permanência poder encontrar os padrões que levem à evidenciação da organização do espaço (a fala). E isso significa estabelecer uma relação entre o visto e o dito em que a imagem sensível da paisagem se transforma na fala do conceito do espaço. (p.109)”

Consideramos que as representações dos velhos e dos jovens do bairro revelam os seus olhares sobre um espaço que foi modificado com o tempo, indicando também o caráter simbólico que influencia os grupos em cada momento e, de forma diferenciada, em cada geração. Nos tópicos seguintes iremos analisar de que maneira a representação dos velhos, a partir de suas histórias, influenciam os jovens do bairro.

3.2– As tradições e os costumes .

Segundo Maia (2001), a definição da palavra tradição pode, em princípio, ser entendida como o ato de transmitir ou entregar fatos passados, isto é, significa a “*transmissão oral de fatos, lendas etc, de idade em idade, de geração em geração ou ainda enquanto conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados.*” (Op. Cit. p.91). A grande questão que permeia as discussões acerca da tradição, dizem respeito à sua idéia de estabilidade e resistência frente às inovações e à modernidade.

A autora apresenta algumas idéias que circunscrevem a idéia de tradição, como Maria Sylvia Franco¹⁴, que nega a afirmação de que a tradição agiria como “uma grande força retardadora” impedindo a ação de mudanças. Também nesta linha Maia cita Balandier¹⁵ que acredita que nas sociedades tradicionais há uma resistência aos elementos culturais recentes. No entanto para Maia que apóia seu raciocínio em Oliveira, destaca que as tradições renovam a sociedade e assim: de “*modo algum a tradição afeta a crença na renovação*”.

Tal qual a noção de tradição, a de costume também possui diferentes opiniões . Segundo Maia (op. cit. p. 92), citando Hobsbawm, o costume:

“... não é invariável, porém há uma combinação implícita entre flexibilidade e o comprometimento formal com o passado. Nas sociedades tradicionais, o costume tem a função de “motor e volante”, não impedindo inovações, contanto que sejam compatíveis ou idênticas à precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história” (op. cit, 1997, p.19)

Nesta linha de raciocínio de Hobsbawm, Maia cita também Oliven (1992),¹⁶ que afirma que o “culto à tradição, longe de ser anacrônico, está perfeitamente articulado com a

¹⁴ Franco, M. S. Sobre o conceito de tradição, Cadernos de Estudos Rurais e Urbanos. São Paulo, n.5, jun., 1972.

¹⁵ Balandier, G. Antropológicas. São Paulo: Cultrix/USP, 1976

¹⁶ Oliven, R.G. A parte e o todo: diversidade cultural no Brasil- Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

modernidade e o progresso” (p.21). E também Thompson, que ao fazer a distinção entre as noções de tradição e de costume, afirma que o último apresenta um fluxo contínuo, ao contrário da tradição, que exibe uma permanência.

Na presente monografia, portanto, somos tributários do entendimento que tanto nas noções de tradição quanto na de costume, existe um sentido histórico, não somente em relação ao passado mas também no que diz respeito ao presente. Corroboramos com a definição de tradição que não a enquadra num significado preso ao passado e que resiste ao futuro ou ao progresso. Assim, acreditamos ser importante para um grupo saber das tradições de seus antepassados, não para resistir a alguma coisa, mas para sempre possuir “uma volta à sua história”, um chão onde pisar e não se perder diante de tantas e distintas culturas que nos são apresentados todos os dias.

3.2.1 – A tradição e os costumes dos velhos

A partir do exposto, destacamos a seguir, o que os velhos do bairro acreditam ser de fundamental importância para que fique guardado entre os jovens como, por exemplo, os costumes e tradições que, segundo os velhos, estão se perdendo entre a população mais jovem. Citamos, como primeiro exemplo, a festa do Congado, que é tradicional no lugar. Uma festa de religião católica (é um culto sincrético) na qual louvam-se os santos ditos negros ou que protegem os negros, como Nossa Senhora Aparecida. Segundo os antigos, o Congado não é mais comemorado no Buieieí pelos jovens e adultos e o único representante do Buieieí, quando ocorre os festejos, precisa se deslocar até o bairro de São José do Triunfo.

Quando indagamos ao único representante do congado que reside no Buieieí sobre os motivos que levaram os jovens a não participarem do Congado, ele nos disse o seguinte:

“.. eu num sei porque eles não gostam do Congado, eles desanimaram. Antes tinha mais gente, mas aí meu irmão morreu, outros também foram morrendo e aí só sobrou eu..” (Entrevistado N- 73 anos, data: outubro de 2007)

Outros costumes também foram registradas pelos moradores velhos que eram comum alguns anos atrás, sobretudo na forma como as adolescentes eram tratadas por seus pais e o respeito que tinham que ter para com estes e com os outros. Através dos relatos mostrou-se como era rígida a forma de educar os filhos nos anos 1920. A esse respeito uma de nossas entrevistadas colocou o seguinte:

“... a gente quase num saía. O que nosso pai falava era uma vez só, a gente só ia em casamento , em batizado. Nós ia no baile, só quando a gente tava no ponto de namorar, uma tia nossa (Zequinha) que levava a gente pros lugar.” (Entrevistado L - não sabe a idade, data: outubro de 2007)

Ainda sobre este aspecto, uma de nossas entrevistadas também nos relatou como era sua vida na adolescência e como era a sua relação com seus pais:

“... a gente ficava muito presa dentro de casa quando a gente era pequena, as histórias que a gente ouvia era pra assustar a gente pra não querer sair de casa e ajudar a mãe nos afazeres: de que a gente ia ficar mau falada , esse era nosso maior medo . Nós mulheres trabalhávamos a semana toda e no fim de semana entregávamos todo o salário para os nossos pais e eles que decidiam o que fazer com eles.” (Entrevistado O – 82 anos, data: outubro de 2007)

Já em relação às tradições relacionadas as formas de se alimentar dos moradores antigos do bairro, destacamos as formas de plantar e de cuidar dos animais uma vez que, segundo eles, é de fundamental importância manter estas atividades para diminuir os gastos com a compra de alimentos e, também, para se ter certeza de uma alimentação saudável. A este respeito, o relato a seguir ilustra bem este aspecto:

“meus pais num gostava de ficar sem criação, de plantar roça...eu falo pras meninas que eu sô acostumada a trabalhar com criação porque meu

pai trabalhava demais, mas nunca deixou ficar sem criação, coisa pequena galinha porco.” (Entrevistado M -79 anos, data: outubro de 2007)

Ainda em relação a plantação, outro entrevistado completa:

“ Meus pais plantavam feijão, milho , cana. Minha mãe cozinhava muito bem, ela me dizia que ela não ia durar pra sempre e que a gente tinha que aprender a se virar sozinha , ela me ensinou a fazer o angu que eu tanto gosto (Entrevistado L – não sabe a idade, data: outubro de 2007)

Observa-se que as atividades vinculadas à agricultura e a criação de pequenos animais que caracterizava o bairro alguns anos atrás, ainda permanecem. No entanto, sua permanência está relacionada atualmente aos problemas de renda da população. Recentemente através das idas a campo, a pesquisadora pôde constatar que em muitas casas existe criação de porco, sobretudo nos meses que antecedem os festejos de natal, quando muitas famílias engordam estes animais para servir de ceia durante os festejos. Segundo relatos informais dos adultos do bairro, nesta data, costuma-se comer galinha e porco “*até dizê chega*”.

Vinculado aos costumes e tradições, o Buieié é um bairro que possui muitas lendas, *causos* e mitos, que serão discutidos no próximo item.

3.3 – Lendas e Mitos do Buieié

Importante frisar que entendemos que os *mitos* são criados socialmente, podendo ser histórias e lendas e que por isso, não correspondem à ‘verdade’, mas por serem tantas vezes repetidos, acabam se incorporando ao imaginário social, se constituindo numa verdade para determinados grupos. O Buieié, em especial, é um bairro que possui muitas lendas, uma vez os mitos criados estão associados aos aspectos sócio econômicos do Buieié. Pereira (2001) demonstrou em sua dissertação de mestrado que alguns moradores conservadores de Viçosa afirmam que no Buieié ninguém trabalha e que todos os moradores de lá são preguiçosos,

ou seja, possuem uma visão bastante preconceituosa do lugar. Nos relatos das entrevistas que fizemos, pudemos analisar que alguns jovens afirmam que antes, eles eram vistos como briguentos e fanfarrões e, hoje, esta visão sobre o bairro parece ter sido desmitificada principalmente por causa das atividades da ONG NAVI, que apresenta os ricos aspectos culturais desta população.

Com relação às lendas, cabe ressaltar que as que existem no bairro não foram criadas pelos seus moradores, mas sim forjadas por pessoas de fora do bairro. A exemplo disso, temos a lenda relatada por uma de nossas entrevistadas que foi a única moradora que morou 45 anos aproximadamente em São Paulo, antes de se estabelecer no lugar. Ela nos contou que as lendas existentes foram trazidas de outro lugar, mas foram amplamente difundidas pelos moradores do bairro.

“Uma coisa era que não podia varrer casa de noite, porque é hora de descansar e também não podia ficar falando a palavra desgraça porque aparecia uma mulher em cima do fogão para comer toda a comida.”
(Entrevistado Q– 74 anos, data: outubro de 2007)

A entrevistada ainda complementa a sua fala nos contando o seguinte:

(...) um filho que tratava muito mal sua mãe, ela fazia tudo para ele, e ele vivia chamando desgraça pra dentro de casa, um dia seu pai resolveu mudar da casa e outro dia quando voltaram pra casa antiga viram a desgraça em forma de mulher chorando porque não tinha mais o que comer, esse mesmo filho um dia que sua mãe atrasou em passar a roupa dele pra ele ir pro Baile, ele disse que preferia morar no inferno que lá e foi mesmo, ele morreu na mesma noite.” (Entrevistado Q - 74 anos, data: outubro de 2007)

Através dos relatos dessas lendas, percebemos que a população elaborou um mecanismo social, bastante singular e que foi utilizado como forma de educar e repassar determinados valores aos filhos. Assim, nestas histórias nota-se uma estratégia que apesar

de muitas vezes assumir um tom ameaçador, atende de uma forma ou de outra aos objetivos morais que é fazer os filhos respeitarem os pais.

Existem ainda as lendas e mitos criados dentro do Buieié, como o que nos relata a própria Dona Maria das Mercês:

“...sei que tinha a história de um criolinho que tocava violão lá em cima , cantando assim : Corre vem vê, a água do poço fervê. Tinha também o caboclo da água que quando os homens iam pescar ele cantava : Cê vem cá e eu vou lá , daí os homens tinham que dizer ‘vou lá’ porque se não o caboclinho levava eles pro fundo do rio.”

Percebemos, portanto, duas formas de difusão das lendas: uma que foi feita pelas pessoas que moraram algum tempo fora do Buieié, que traziam as lendas e mitos do lugar em que residiam anteriormente, promovendo muitas vezes uma hibridização dessas estórias e modificação das já existentes. Outra relativa aos próprios moradores do bairro que criavam lendas como mecanismos coercivos. Havia também, as oriundas dos próprios moradores de Viçosa, que desconhecem o bairro, criando histórias para representar aquele lugar.

Assim, a partir de toda essa memória guardada pelos velhos do bairro pudemos ter uma breve idéia do que era o Buieié em tempos atrás, principalmente, em relação à relação entre pais e filhos. Também notamos como este bairro era representado pelos moradores mais antigos, isto é como um bairro que possuía códigos e regras elaborados pelos mais velhos, e que deveriam ser respeitados pelas gerações mais novas.

No entanto, percebemos que houve grandes mudanças na forma de enxergar o bairro e, por este motivo, pedimos aos moradores mais jovens que representassem seu bairro através de ilustrações.

3.4 – A representação do lugar pelos moradores jovens : a construção de uma nova memória?

Para compreender como os jovens representam o seu bairro, elaboramos entrevistas (anexo2) que buscavam compreender de que forma os mesmos apresentariam o seu bairro para uma pessoa que nunca havia estado lá. A idéia era identificar o que os jovens destacavam como mais significativo do Buieié. Os desenhos foram bastante variados e o nível de complexidade deles foram, como esperado, diferenciado de acordo com a faixa etária.

Observamos que durante a confecção destes desenhos, os jovens se mostravam bastante preocupados, pois não sabiam ao certo qual seria a “melhor” parte do bairro que desejariam mostrar e, por isso, acabaram desenhando os lugares que mais gostavam dentro do bairro ou, como outros, desenharam todo o seu bairro não selecionando nenhuma parte.

Apresentaremos e analisaremos, a seguir, os desenhos, destacando os aspectos mais relevantes de cada representação.

3.4.1– As representações do Buieié feita pelos jovens

Representação do Buieié feita pelo jovem A

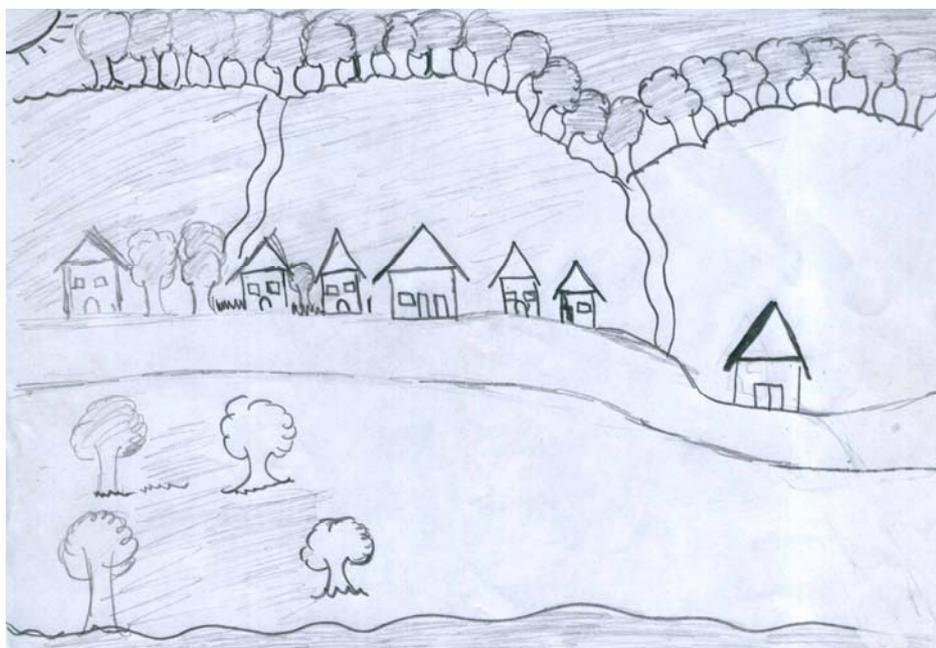


Figura 6– A representação feita pelo jovem A

Data: Outubro de 2008

A entrevistada representou em seu desenho a parte central do Buieié, isto é, mostrou o lugar onde sua casa está localizada. Em seu desenho evidencia-se, principalmente, as casinhas que na parte central são muito próximas umas às outras, por se tratar de uma mesma família. No alto dos morros, ela desenhou árvores muito parecidas que se assemelham com a disposição das monoculturas de eucaliptos presentes no bairro.

Observa-se que a entrevistada privilegia em seu desenho dois conjuntos paisagísticos que possuem um significado importante para ela: as casas, isto é, o local de abrigo, de afeto e as relações de intimidade; e os eucaliptos, que se configuram como uma paisagem dominante do bairro, representando o exterior e o local do mistério, onde é raro visitas por se tratar de propriedade particular.

Representação do Buieié feita pelo jovem B

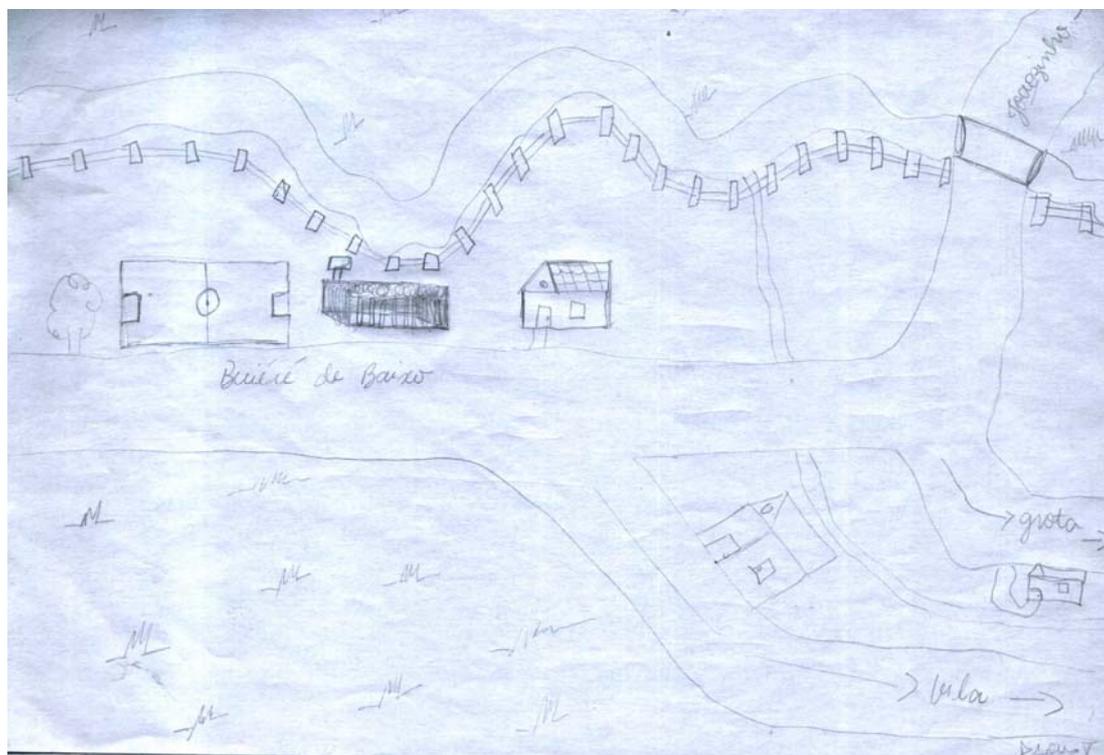


Figura 7 – A representação feita pelo jovem B

Data: Outubro de 2008

Este entrevistado fez uma representação bastante completa de seu bairro, uma vez que não privilegiou nenhuma área em detrimento de outra. Interessante observar, que a casa que ele desenhou na rua central do Buieié é a de sua família. Ele desenhou também o Bar do “Maucinho”, local onde junto com seus amigos se encontram para conversar. Ao lado deste, desenhou um campo de futebol, possivelmente um local que frequenta

Ele mostrou em seu desenho os caminhos que existem em seu bairro, assim como, apresentando as ruas em direção a vila, isto é, onde existem casas de várias famílias diferentes sendo, por isso, conhecida como vila. Desenhou também, os caminhos que levam para o que eles conhecem como grotta e, também, o caminho que leva para o Joãozinho mostrando, inclusive, a ponte que faz a ligação entre estas partes do bairro. “Acima” ele representou o Rio Turvo que, segundo ele, é um dos motivos de orgulho do bairro por ser o lugar onde eles se refrescam em dias de muito calor.

Representação do Buieieí feita pelo jovem C



Figura 8 – A representação feita pelo jovem C

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada fez um desenho onde também destacou os lugares que mais frequenta. Diferentemente dos dois primeiros desenhos, ela não reside no centro do Buieieí, mas sim no caminho em direção da Grotá.

A entrevistada fez uma representação de seu bairro, destacando o Ponto de Cultura e a Igreja Nova e, posteriormente, desenhou sua rua e mais ao fundo desenhou o centro do Buieieí com o sol se pondo. Por outro lado, ao desenhar as casas como sendo de tijolos e telhas, ela ignorou as localizadas na parte do Joãozinho, por se tratar de uma área que ela raramente frequenta. Dentre todos os desenhos, foi a única que representou a Sede do Tambores, evidenciando assim a sua forte ligação com este local. Acreditamos que por sua família ser responsável pelos cuidados da Sede e que participar ativamente dos mutirões e das atividades da ONG NAVI, é que este local foi privilegiado. A Igreja Católica

desenhada demonstra a sua forte religiosidade, uma vez que a entrevistada é professora de catequese do bairro.

Representação do Buieíé feita pelo jovem D



Figura 9- A Representação feita pelo jovem D

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada desenhou apenas os lugares onde ela mais frequenta, porém o fez não sob uma perspectiva real, mas simbólica dos lugares do bairro. Desenhou apenas a Igreja antiga feita de bambu e um campo de futebol, onde na verdade existe um espaço improvisado para práticas esportivas, sem demarcações aparentes. Isso, talvez, se justifique pelo seu desejo de possuir um espaço de lazer digno, onde as crianças do bairro possam brincar em segurança.

Fez seu desenho em uma perspectiva de quem analisa o bairro a partir da ruazinha que sobe para a parte do bairro onde estão localizados o Ponto de Cultura e as Igrejas.

Representação do Buieié feita pelo jovem E

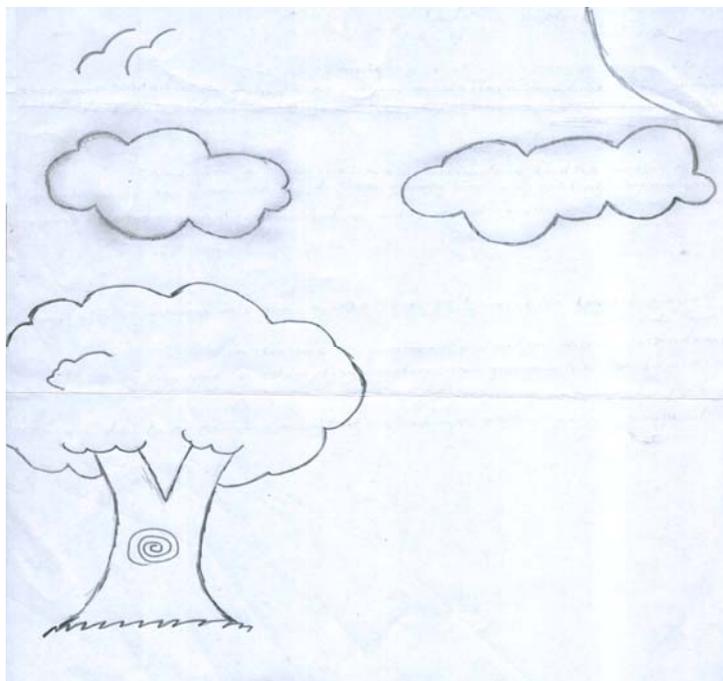


Figura 10 – A representação feita pelo jovem E

Data: Outubro de 2008

Este entrevistado representou em seu desenho poucos elementos do bairro, fez apenas uma árvore, duas nuvens e pássaros voando no céu. Ele justifica que seu desenho quer fazer uma crítica aos usos feitos do solo e da vegetação pelos moradores. Como exposto na entrevista, ficou claro que é contrário ao desmatamento intensivo com o objetivo de abrir grandes áreas de pastagens ou, da mesma forma, para abrir áreas para a monocultura de pinos e eucalipto que invadem o Buieié. Por isso, em seu desenho, representou apenas uma árvore – possivelmente a frondosa árvore que se localiza próxima à sua casa – querendo fazer uma importante crítica ao uso irracional do solo e da vegetação do seu bairro. Evidencia-se assim, que este entrevistado privilegia os aspectos naturais da paisagem de seu bairro.

Representação do Buieíé feita pelo jovem F



Figura 11 – A representação feita pelo jovem F

Data: Outubro de 2008

Este entrevistado representou unicamente a Igreja, contudo, diferentemente do desenho anterior, ele desenhou a Igreja Católica Nova, demonstrando sua possível aparência quando construção estiver terminada. Desenhou, também, algumas das poucas árvores que existem nesta área (onde estão localizados o Ponto de Cultura e as Igrejas). Pelo fato do entrevistado ter desenhado a Igreja Católica, ficou evidente que esta é a parte do bairro que tem mais significado para ele, pois é onde se encontra com seus amigos, se diverte e também aprende, já que é aluno da catequese.

Representação do Buieié feita pelo jovem G



Figura 12 – A representação feita pelo jovem G

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada fez também um desenho bastante simples de seu bairro, desenhando unicamente a Igreja Evangélica, ainda que não pertença a esta religião. Sua justificativa para tal desenho também corresponde a uma interessante crítica. Por morar ao lado desta Igreja, ela diz que é incomodada com o barulho dos cultos, uma vez que o pastor da Igreja fala muito alto, impedindo-a de assistir televisão ou de conversar com seus irmãos. Por esse motivo, em dias de culto, ela tem que se dirigir para casa de sua avó para não ser incomodada.

A mensagem da entrevistada, um tanto irônica, é de demonstrar para quem deseje visitar o Buieié, que fique alerta com a igreja, pois devido à sua proximidade do Bar do Zé de Nega, o pastor freqüentemente tenta atrair os freqüentadores deste bar para dentro da Igreja e quando os freqüentadores do bar se exaltam em suas conversas, o pastor eleva o tom de seu discurso no culto. Assim, para quem não participa de nenhuma das duas atividades – como a entrevistada – se sente em meio a um “fogo cruzado”.

Representação do Buieié feita pelo jovem H



Figura 13 – A representação feita pelo jovem H

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada, a mais nova da turma dos entrevistados, fez um desenho “padrão” para sua idade, ou seja, desenhou uma casinha, borboletas e uma árvore cheia de frutas (parecida com uma macieira). Segundo ela, a casa que desenhou corresponde à sua, porém próximo a sua casa não existem árvores que dão fruto comestíveis como a que ela representou. Além disso, ela fez uma casa com dois andares, inexistentes no bairro. Sua justificativa para tal representação é que ela desenhou seu bairro desta forma porque é desse jeito que gostaria que ele fosse.

Ela demonstra em seu desenho os aspectos que considera positivo em seu bairro, tais como a natureza e os pássaros, demonstrando o desejo de possuir um bairro mais bonito, melhor estruturado e com uma natureza exuberante.

Representação do Buieié feita pela jovem I



Figura 14 – A representação feita pela jovem I

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada fez um desenho que considero mais fiel da paisagem existente do bairro. Neste, representou as imensas áreas de pastagens existentes no Buieié e, em decorrência disto, a falta de vegetação do mesmo. Segundo ela, a casa desenhada é a de sua avó, que é uma das mais visitadas por ela no bairro.

Quando indagada dos motivos que levaram a representar uma árvore com um ninho de pássaros cheio de ovos, ela respondeu que isto corresponde à vida e à mudança existente dentro de cada um de nós.

Representação do Buieieí feita pelo jovem J



Figura 15 – A representação feita pelo jovem J

Data: Outubro de 2008

Esta entrevistada fez em seu desenho unicamente a parte central do bairro, destacando apenas sua casa e o telefone público, que se localiza próximo a sua residência. Justificou seu desenho afirmando que o telefone público é o único meio de ter contato com o “mundo lá de fora”, isto é, é o único modo de Téia se comunicar com seus parentes que residem em outras cidades. E, também, afirmou que este ponto do Buieieí é onde ela mais visita por se tratar do terreno de sua família, onde não há brigas ou disputas, somente festa e diversão, já que o bar do Zé de Nega é ao lado de sua casa, assim como o bar do Maucinho, que fica a algumas casas à esquerda da sua.

3.5 – Como as representações dos jovens podem ilustrar a idéia de lugar e identidade local?

Analisar criticamente cada representação não foi tarefa fácil, pois sabemos que por trás de uma representação, inúmeras interpretações sobre o espaço e tempo podem existir. Estas, por sua vez, podem se manifestar até na entonação da caneta no papel e nos detalhes desenhado. Em nossa análise apenas nos detemos aos aspectos geográficos que tais desenhos expressam, uma vez que nosso objetivo maior foi o de entender como os jovens representam os seus lugares.

Observamos, desta forma, que o nível de compreensão acerca de seu bairro variou de acordo com a idade, isto é, os mais novos, que apresentam desenhos mais simples, próprios da fase e maturidade em que se encontram, representam os lugares que não existem no Buieieí, mas que tem significado afetivo no campo de suas emoções, e com as idéias que possuem de lugar. Percebemos também que os jovens mais velhos, utilizaram os desenhos para fazer críticas aos moradores do bairro e também ao uso feito dos lugares. Por fim, identificamos que dois desenhos representaram uma cópia mais fiel da paisagem do bairro.

Por meio dos desenhos verificamos que os lugares mais significativos do bairro são, em ordem de importância: as suas casas, a igreja, os lugares de diversão e as áreas verdes. Isso porque, acreditamos que esta identificação está relacionado aos lugares em que estes jovens têm mais vivência dentro do bairro, a sua casa, os lugares de diversão e de religiosidade, que representam tanto a Igreja quanto os espaços destinados às práticas esportivas e, por fim, as áreas verdes, que são as áreas que vem sofrendo transformações constantes em decorrência da atividade pastoril e do cultivo em larga escala afetando, assim, os referenciais identitários deste grupo.

Assim, por meio da ilustração dos desenhos, verificamos os lugares dos jovens, ou seja, as partes do bairro que mais se identificam e o porquê se identificam com a mesma. Contrapondo aos lugares dos velhos e suas práticas, pudemos analisar que os jovens possuem outras formas de relação com o seu lugar, uma vez que os jovens andam pelo bairro e conversam com as pessoas e, eventualmente, ao irem até a cidade de Viçosa para se divertirem, acabam tendo o contato com outras pessoas e culturas, incorporando elementos

que redefinam suas identidades. Estas diferenças em relação ao uso do tempo e do espaço tem relação, notadamente, com as mudanças geracionais e do lugar, o que por conseguinte constrói novas identidades locais.

Acreditamos que através das representações dos velhos e dos jovens, pudemos “ler” o lugar através dos olhos destas pessoas, pois a representação do lugar através dos desenhos e dos relatos demonstraram as principais diferenças e semelhanças entre estes e os velhos do e no bairro. Pois, ao representar “seu lugar”, a pessoa representa sua relação e identidade com ele, isto é, demonstra seus laços afetivos e, às vezes, suas principais queixas e reivindicações para que este não seja totalmente desestruturado, simbólica e materialmente, em decorrência das transformações que está sujeito a sofrer todos os dias.

Este estudo das representações, evidenciou o que Massey (2008) considera ser o lugar, isto é, o lugar do encontros das diferentes estórias e trajetórias, uma vez que através dos desenhos podemos observar o que cada jovem percebe sobre o seu lugar, essa percepção pode ser tanto de uma forma a exaltar os aspectos positivos do bairro, quanto por exaltar os aspectos negativos dele.

3.6 As novas formas de identificação com o lugar: os costumes dos jovens seriam uma forma de negligência das tradições do Buieié?

Muitos autores atribuem à revolução da mídia o fato de algumas sociedades se “miscigenarem” à outras culturas. O contato mais popularizado tanto com o aparelho de televisão e à Internet, somado à queda do analfabetismo, fizeram com que populações que antes acreditavam estarem “isoladas”, tomassem contato com outros povos promovendo, desta forma, a verdadeira expansão de uma cultura dita de massa. A este respeito Claval (2001) afirma: “As tradições populares estreitamente localizadas são substituídos pela cultura de massa onde muitas formas são as mesmas em todos os pontos do planeta” (Idem, p. 350)

O que consideramos como negligência da cultura e da tradição, nada mais é do que um processo social através do qual as novas gerações estão expostas o tempo todo. No

entanto, deveria ser extremamente necessário saber a história da nossa origem, justamente para identificar de onde “partiu” e como se deram as influências. Acreditamos, assim, que conhecer a história dos locais contribui para o conhecimento de nós mesmos e, também, para uma maior identificação com o espaço, contribuindo para o fortalecimento da idéia de pertencimento.

A nossa pesquisa no bairro, verificou que muitos ainda desconhecem a história do Buieié, ou seja, verificamos, principalmente, que os jovens desconhecem de onde “partiram”, e este desconhecimento é relatado pelo jovem E que explica que isso é decorrência das mudanças de concepção de mundo ocorridas de uma geração para a outra. Conforme suas palavras:

Nossa geração mudou muito. Os jovens não estão preocupados com o passado só com o futuro. Hoje a gente fala de globalização, de futuro, antes os velhos pensavam só no presente. Eu estou mais preocupado com o amanhã. (Entrevistado E – 15 anos, data: outubro de 2008)

No entanto, pudemos observar por meio do relato de outra jovem que alguns jovens não se identificam com nenhum costume do bairro:

Não sigo nada, não vou na igreja, não rezo. Nem comida deles eu num como, agora é só receita nova: rocambole de chocolate, pudim. Não igual antigamente, feijoada? Credo! (Entrevistada J – 17 anos, data: outubro de 2008)

Porém, a negligência com a sua história e com as suas tradições não é total, pois existe um grupo - minoritário - entre os jovens que privilegia alguns aspectos de sua história, principalmente no que se refere à religião, como ilustrado nos relatos da entrevista G: “Só da religião que eu sigo, mas outras coisas não”.(Entrevistado G – 13 anos, data: outubro de 2008); ou da entrevistada D “Sim, só em relação à religião. Vou a missa, rezo, mas outras coisas eu não conheço muito. (Entrevistada D – 17 anos, data: outubro de 2008) e ainda o relato da entrevistada H: “Sim. Vou a Igreja, e já fui no congado lá no fundão” (Entrevistada H -11 anos, data: outubro de 2008)

Nesse sentido, concluímos que os jovens ao terem um contato mais popularizado com a televisão e com outras culturas, acabam incorporando outros valores que promovem um verdadeiro processo de hibridização de culturas, fazendo com que eles, negligenciem alguns aspectos de sua cultura, como por exemplo as comidas típicas (ver relato da entrevistada J, p. 48) e o próprio Congado (Ver relato do entrevistado N, p.31). Entretanto, estes jovens ainda preservam outros aspectos de sua cultura, como a religião (ver relatos acima, p.48) e, em algumas famílias, ainda há a reprodução da rígida educação dos antigos dos anos 1920 – que proibiam seus filhos de saírem de casa – forçando estes jovens a buscarem alternativas para burlarem estas regras, como veremos no capítulo 5.

Capítulo 4– O cotidiano e os usos do espaço e do tempo no Buieié

Antes de iniciarmos a exposição sobre o cotidiano do Buieié, faz-se necessário entender o que seria “cotidiano”. Segundo De Certeau (2008), o cotidiano é:

“ é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este mundo memória, segundo a expressão de Péguy. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.”(p.31)

Seguindo esta linha de raciocínio, a partir dos relatos dos entrevistados e das visitas a campo, tentamos representar o cotidiano do bairro através de um croqui, no qual destacamos as principais atividades desenvolvidas pelos moradores nos dias e nos finais de semana. Podemos observar, então, que poucas são as atividades realizadas dentro do bairro, com exceção aos dias em que há algum evento como, por exemplo, o forró no bar do Zé de Nega, que acontece em alguns sábados durante o mês.

Observamos também, conforme representado na figura 17, que os moradores do bairro fazem um verdadeiro movimento pendular da cidade para o bairro – ou no caso da colheita do café, entre outros bairros rurais – assim, o Buieié acaba servindo, a grosso modo, como um dormitório.

Já a relação dos jovens com a cidade é diferente dos adultos, uma vez que os jovens passam a maior parte de tempo no bairro, somente se deslocam para a cidade para estudar e, eventualmente, para trabalhar em serviços temporários e para se divertirem. Com relação aos velhos, a diferença se acentua, uma vez que os jovens, hoje, se deslocam muito mais facilmente para a cidade em busca de diversão, do que os velhos quando eram novos.

No que se refere as crianças os seus deslocamentos no espaço vinculam-se prioritariamente a escola Tico Tico, que fica localizada no bairro da Violeira. Importante destacar que as crianças com menos de sete anos estudam no período vespertino, enquanto as crianças com mais de sete anos, no período matutino, portanto ambas em apenas um período. Os jovens do bairro também estudam em apenas um período, ou no matutino (na escola do Silvestre) ou no noturno, na escola Effie Holfs, localizado no campus da UFV.

Com relação ao trabalho, a maioria dos jovens entre 14 e 20 anos, possui algum tipo de vínculo empregatício em estabelecimentos comerciais – como bares e lanchonetes – ou residências no centro da cidade¹⁷. As mulheres em sua maioria trabalham como diaristas para estudantes que residem na Violeira ou na cidade, exercendo também funções de babá em residências localizados no bairro da Violeira. Os homens, por sua vez, estão empregados nas atividades de construção civil de Viçosa, exercendo eventualmente funções como garçons, balconistas ou mesmo serventes.

Além desta relação de trabalho com a cidade, os moradores do Buieié também se deslocam para a cidade com o objetivo de se divertir, como destacado acima. No entanto, apesar destes deslocamentos (Ver Figura 16), o Buieié também oferece algum tipo de diversão e espaços onde os moradores podem expressar a sua religiosidade. Conforme pode ser observada na figura 16, no bairro existem duas igrejas católicas e uma evangélica, fazendo com que os fiéis desta última tenham a oportunidade de permanecerem no bairro para se reunirem em cultos religiosos, enquanto os católicos necessitam se deslocar para à cidade, já que sua igreja se localiza no bairro Silvestre.

A rotina do trabalho e da diversão é modificada quando ocorre a colheita de café, que é sempre esperada por aqueles que não têm emprego fixo, que estão desempregados ou, ainda, pelos que pretendem simplesmente fazer um “bico” para guardar algum dinheiro. Esta acontece entre os meses de maio se estendendo, no máximo, até setembro. Neste período geralmente os fazendeiros pagam por *caixa* ou por litro colhido, isto é, a cada barril de 100 litros colhidos é pago em média seis reais. Não há prioridade de faixa etária para homens e mulheres, e portanto, todos de qualquer idade podem trabalhar¹⁸. Cabe ressaltar

¹⁷ existia apenas um servidor da UFV que residia no Buieié, porém este faleceu há dez anos.

¹⁸ obviamente que crianças não são empregadas, segundo os relatos dos entrevistados

que a colheita do café é uma alternativa para amenizar a difícil condição de vida desta população.

No Buieió, como destacado acima, existem poucas opções de trabalho, os que possuem emprego dentro do bairro são aqueles que são proprietários de comércio ou aqueles que cuidam de terrenos e dos cultivos de larga escala¹⁹. Assim, o café é uma alternativa esperada, pois emprega a todos, como exposto acima, além de ter a “facilidade” de estarem próximos ao seu bairro, o que diminui o gasto com o transporte.

¹⁹ Com a aplicação de remédios contra formigas, contra mofo, entre outros.

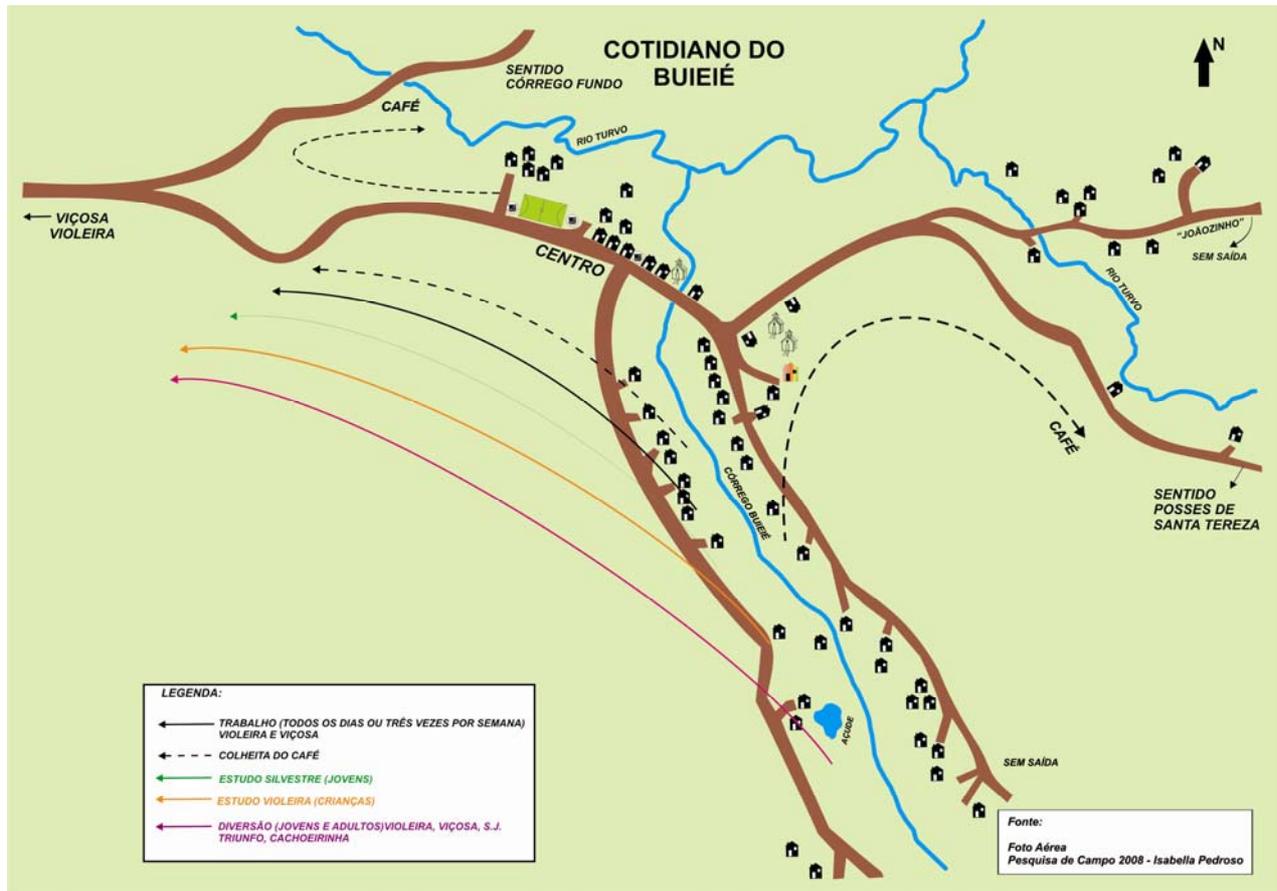


Figura 16 – Croqui “O Cotidiano do Buieié”

Autora: Isabella Vitória

Fonte: Foto Aérea 2007 e Pesquisa de campo por Isabella Vitória

4.1 – Lugares da diversão

Ao iniciarmos esta parte de nosso estudo, sentimos a necessidade de representar os lugares de diversão e de religiosidade através de um croqui (figura 17). Assim como o croqui anterior, para ilustrarmos esta figura nos apoiamos em informações contidas na foto aérea do local (Fig. 17) e de pesquisas em campo no Buieié.

Através do croqui, percebemos que são poucos os lugares de diversão e de religiosidade no Buieié. Destacamos, então, apenas três pontos fundamentais no lugar onde se concentram os estabelecimentos comerciais e os bares (fig. 17). Cabe ressaltar que esses lugares de diversão do Buieié são, de certa maneira recentes, isto é têm menos de 30 anos, por isso eles não figuram como locais de diversão para todos os moradores antigos do bairro. Entretanto, em visita ao bairro, observamos que os que mais freqüentam estes locais são os jovens e os adultos.

O primeiro local freqüentado para o lazer é o campo de futebol, local que possui dois bares que ficam situados na área lateral ao campo (ver figura 16). O proprietário do primeiro bar é apelidado de Léo e o outro Maucinho. Este campo de futebol, contudo, não é aberto a todos que desejem usufruí-lo. Segundo relatos dos mais jovens, o dono do campo cobra uma taxa para se jogar. Tal cobrança é confirmada nos relatos do entrevistado E, disse:

“...No campo o dono dá preferência pros amigos dele, dá gente quer cobrar pra gente jogar.” (Entrevistado E, 15 anos, data: outubro de 2008)

Em decorrência disso, os jovens do bairro improvisaram um outro lugar para jogar futebol, que fica entre a Igreja Católica Nova e o Ponto de Cultura (ver fig 18). Lá estes improvisaram pequenas traves de madeira efetuados com galhos de árvores, demarcando a quadra na hora do jogo. Consideramos que a apropriação deste espaço pelos jovens para a diversão faz desse lugar um dos seus principais pontos de encontro.

Contudo, os raros espaços de lazer no bairro, apresentam grandes precariedades infra estruturais, que põem em risco a segurança, principalmente das crianças. O local onde elas (crianças e jovens) improvisam um espaço de lazer, possui muitos buracos no chão,

além de ser depósito dos materiais de construção da nova Igreja, é comum encontrarmos vergalhões enferrujados abandonados e, até mesmo, instrumentos cortantes utilizados na obra. Já em relação ao campo de futebol, existe uma forte limitação que é o fato do dono do campo não permitir o livre acesso dos moradores do bairro, o que evidencia que este não se afigura enquanto um espaço de lazer de todos do bairro.



Figura 18 – Espaço improvisado para práticas esportivas

Autora : Isabella Vitória, Data : Outubro de 2008

Além dos bares do Léo e do Maucinho citados acima, que são os mais freqüentados em dias de jogo, existe também o bar do Zé de Nega (Figura 15)– localizado no centro do bairro – que além de comercializar alguns produtos não perecíveis, é onde os adultos se encontram para se divertir e dançar forró nos dias em que não se deslocam para outros municípios vizinhos. Este bar é o mais próximo da Igreja Evangélica e, aos domingos, observa-se uma grande disputa na ocupação e apropriação deste local, pois é utilizado tanto por pessoas que ficam tomando cerveja quanto por aqueles que assistem o culto. Nos momentos em que as pessoas do bar se exaltam, o pastor pede aos seus fiéis que se levantem e orem em um tom mais elevado. Devido aos conflitos neste dias, as pessoas que moram entre esses dois lugares, vêem este local como “fogo cruzado”.

Consideramos que a disputa de uso deste local assinala a sua importância para os moradores do bairro.

Cabe ressaltar, a existência de tantos bares em um local pequeno contribui para grande incidência do alcoolismo no bairro, inclusive entre os jovens. Sobre este aspecto, uma de nossas entrevistadas nos relatou que isso é hoje um problema: “Mas o que piorou aqui hoje foi que além da cachaça, tem muitas drogas e deve ser algum adulto que ensinou pros adolescentes” (Entrevistada R- 72 anos, data: outubro de 2007)

Outra entrevistada também observa o mesmo problema no bairro, associando-o à incidência do alcoolismo no bairro: “...antigamente aqui tinha pouca confusão, agora por

qualquer coisa o povo tá brigando uma confusão danada...” (Entrevistada M – 79 anos, data: outubro de 2007)

Os próprios jovens do bairro notam que muitos de seus amigos se enveredam por esse caminho do alcoolismo, assim como observado no relato da entrevistada A: “Mudaria muita coisa no bairro. Por mim, pararia de vender álcool porque tem muito jovem bebendo por aqui”. (Entrevistada A, 18 anos)



Figura 19 - Bar do Zé de Nega

Autora: Isabella Vitória, data: outubro de 2007

4.2 – Os lugares de Religiosidade

No caso das práticas religiosas, identificamos a existência de duas igrejas, uma evangélica e a outra católica. Os espaços sagrados dos moradores do Buieie ficam muito próximo aos espaços profanos (ROSENDAHL,2006), sobre o espaço sagrado, Rosendahl (Idem) o define da seguinte forma:

“... um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos, dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita o homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada “deuses” nas religiões politeístas e “Deus” nas monoteístas.” (Op. Cit. p. 122)

Nas visitas aos domingos no bairro, percebemos que um dos espaços sagrados – a Igreja Evangélica é próxima, como assinalado anteriormente, a bares e, por esse motivo, o pastor para espantar os “capetas”, fazem o culto do lado de fora da igreja, com o objetivo: de se afirmar naquele local.

Já a Igreja católica do bairro, localiza-se próximo ao ponto de cultura (ver fig 17), contudo apesar da proximidade não é incomodada pelos bares, pois as missas no Buieié só acontecem uma vez por mês, quando o padre da paróquia do Silvestre visita o lugar. Nos demais finais de semana, os moradores católicos do Buieié têm que se deslocar para a Igreja que fica localizada no bairro Silvestre para assistir às missas.

Os velhos do Buieié, são os que menos se deslocam para Silvestre para assistir as missas, dado sua idade avançada. Mesmo assim foi unânime as respostas acerca dos lugares mais freqüentados tanto para os mais idosos como para os jovens. Observou-se, portanto, que a Igreja Católica,²⁰ é um importante ponto de concentração e de encontro da população local. Mesmo nos dias em que não há missa, as mulheres, por exemplo, se reúnem quinzenalmente para fazer a faxina na igreja antiga e os homens, para consertar algo que esteja quebrado no lugar. Entretanto, desde 2006, os homens do bairro têm se reunido em esquema de mutirões aos finais de semana para a construção da nova Igreja Católica.

²⁰ Dado que todos os entrevistados se dizem católicos.



Figura 20- Igreja Católica em construção

Autora: Isabella Vitória, data: outubro de 2008

Observamos, portanto, que estes lugares têm muita importância para os moradores, já que são extremamente respeitados por todas as gerações. A Igreja Nova está sendo muito esperada por todos do bairro, acredita-se que ela deva ficar pronta já em 2010, a expectativa é maior pois os moradores mais atuantes dentro das atividades católicas, acreditam que com esta nova Igreja, mais missas acontecerão no bairro.

Capítulo 5 - As novas identidades locais e sua relação com os jovens e velhos moradores

5.1 – O que entendemos por identidades locais

Muitas são as discussões sobre uma possível definição do conceito de identidade. Castells (1999) afirma que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Já Le Bossé (2004) afirma que :

“Toda identidade se define por um conteúdo compreendido em termos de caracteres referenciais, percebidos a partir de perspectivas diferentes, e que podem incluir igualmente aspectos de ordem física ou psíquica, material ou intelectual. Assim, a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas” (p. 162)

Complementando esta visão, Haesbaert (2007) e Hall (2006) afirmam que toda identidade se localiza no tempo e no espaço. Em outras palavras, a cada contexto histórico e espacial as identidades possuirão características relativas a este período, e a cada mudança destes contextos, as características da identidade se modificarão também. Nesse sentido, o tempo e o espaço moldam estas identidades, contribuindo para que diferentes grupos, habitantes de um mesmo território se reconheçam enquanto pertencentes a um espaço e uma sociedade comuns (Haesbaert, 2007). Portanto, segundo este autor, “(*...toda identidade cultural é espacial, por se realizar no/através do espaço*)”(p.44).

Acreditamos que as identidades em um contexto de globalização ou, para outros, em um contexto de pós modernidade, possuem como características a efemeridade, a fluidez e um caráter de mutabilidade, diferindo do senso comum, que a entende como sendo estável e longa.

Ainda no que se refere a identidade podemos constatar que todas as identidades são sociais, mas nem todas são identidades territoriais ou locais, pois o grupo pode se identificar mediante questões não territoriais, como é o caso da identidade das feministas. Porém, toda identidade possui uma relação imbricada entre a política, o espaço e a cultura. (Haesbaert,2007: p.44).

Consideramos que as identidades estão totalmente relacionadas com o lugar de vivência, ou seja, com a forma através da qual os homens e as mulheres se sentem pertencentes ao seu lugar (que pode ser sua casa, seu bairro ou mesmo sua rua), construindo laços afetivos e, por isso, simbólicos com aquele espaço.

No caso do Buieié, as identidades locais se expressam, principalmente, com a relação dos moradores com sua casa, com seus plantios, mas também, se afirmam no momento em que eles querem reivindicar alguma melhoria para o bairro e, sobretudo, quando eles se unem para organizar algum tipo de evento que demonstre sua cultura e sua religiosidade.²¹

5.2– A chegada da ONG NAVI e as atividades com os jovens

A ONG NAVI iniciou suas atividades no lugar a partir dos anos de 1990. Com a atuação em meados dos anos 1990, dois artistas residentes do bairro da Violeira (Thyaga e Maraya²², uma norte americana que residiu por alguns anos neste bairro) começaram a promover aulas de educação artística e de percussão para as crianças da Violeira e do Zig Zag. Estas aulas aconteciam na casa de Thyaga e o único meio de conseguir os materiais necessários para estas aulas, era através de doações de outros moradores da Violeira e de algumas comerciantes que acreditavam no trabalho desenvolvido. Neste momento, nenhum dos artistas recebia salário para ministrar as aulas e a “escolinha”, que ainda não era uma ONG, chamava-se Núcleo de Arte da Violeira - NAVI.

As crianças e os adolescentes do bairro do Buieié ainda não faziam parte destas atividades neste começo, apenas as residentes no bairro da Violeira e do Zig Zag.

A partir dos anos 2000, o professor Thyaga – que neste momento já estava trabalhando sozinho, uma vez que Maraya havia retornado para seu país de origem – foi convidado por Rosângela Santana²³ para ministrar aulas de percussão para os adolescentes

²¹ como por exemplo, recentemente no dia das crianças (12/10/2008), quando as mães se reuniram na Igreja para orar e festejar o dia das crianças, com um grande bolo, refresco e balas. Neste evento, eu conheci crianças que nunca tinha visto no Buieié, em quase 2 anos de visitas frequentes ao bairro. Isso denota o grande poder organizacional que estes moradores têm.

²² Thyaga é um nome artístico, seu verdadeiro nome é Cássio Fernandino e o nome completo de Maraya, não tivemos acesso.

²³ candidata a vereadora pelo PT (Partido dos Trabalhadores)

no Buieié, já que as aulas de Thyaga faziam parte de um conjunto de projetos que a mesma estava implementando no bairro. Desta forma durante três anos, o Thyaga juntamente com os adolescentes deste bairro passaram a se apresentar em Viçosa e em eventos pequenos que ele mesmo promovia, trabalhando sozinho neste projeto²⁴. Sobre este início das atividades da ONG, um de nossos entrevistados nos informa o seguinte: No começo a gente não levava a sério esse negócio de Tambores não, os Tambores chegaram de repente aqui na comunidade, daí a gente pagou pra ver e tá dando certo! (Entrevistado E - 15 anos)

No ano de 2004, a NAVI transforma-se em Organização não governamental Núcleo de Arte Viva (ONG NAVI), fruto da inserção de alguns professores da Universidade Federal de Viçosa que se inseriram nos trabalhos da NAVI com o intuito de escrever um projeto para o governo federal. Objetivava-se fazer no Buieié um Ponto de Cultura²⁵.

Assim, em 2004, o Projeto do Ponto de Cultura foi aprovado e através de mutirões comunitários, uma sede iria ser construída. Desde 2006 esta sede está sendo construída, conforme relatado pela líder do bairro. Ainda segundo ela, a atual administração do dinheiro destinado ao bairro para este projeto não se dá de forma transparente.

A foto a seguir mostra como a Sede dos tambores encontra-se após dois anos da aprovação do projeto:



Figura 21 Sede dos Tambores do Buieié

Autora: Isabella Vitória, data: Outubro de 2008

²⁴ Uma vez que Rosângela apenas tinha a função de administrar e reivindicar junto a prefeitura materiais necessários para tais aulas.

²⁵ A este respeito pesquisar no site do ministério da cultura: www.ministeriodacultura.gov.br

Um outro aspecto importante a ser destacado em relação ao ponto de Cultura no bairro, diz respeito ao fato dos moradores entrevistados não se recordarem de terem sido consultados para saber se queriam de fato ter um ponto de cultura no local. Se uma Assembléia aconteceu, de acordo com os entrevistados nesta pesquisa, para apresentar o projeto aos moradores do Buieié, algumas das figuras mais importantes do bairro não foram avisadas, como a própria líder do bairro e os meninos e meninas entrevistados por nós, que fazem parte dos Tambores.

Apesar de todas essas indagações, segundo os relatos dos participantes e da própria líder do bairro, o projeto trouxe benefícios para o bairro. De acordo com o relato da líder:

O Buieié era muito parado e principalmente os Tambores fizeram com que os meninos se distraíssem. Eles às vezes ganham dinheiro com a reciclagem de papel, eles ficam felizes da vida. (Líder do bairro– 43 anos, data: outubro de 2008)

Porque num é só tocar tambor que a gente aprende. Aprende até organização de outros grupos e culturas. A gente já viu até índio em São Paulo e eu achei muito louco, eles são muito diferentes (Entrevistado E– 15 anos, data: outubro de 2008)

Porque o pessoal começou a saber dividir mais e ficou mais amigável uns dos outros (Entrevistado S– 20 anos, data: outubro de 2008)

Eu gosto das atividades dos tambores, ajuda a desestressar, é alegre, eu danço e canto, eu nem penso em outra coisa quando estou lá. (Entrevistado C– 21 anos, data: outubro de 2008)



Figura 22 Placa localizada à frente do Ponto de Cultura do Buieié

Autora: Isabella Vitória, Data : Outubro de 2008

Durante o período da pesquisa, buscamos investigar o que representa aos jovens do bairro fazer parte dos “Tambores do Buieié”. Assim nas entrevista procuramos identificar através das falas dos jovens de que forma a sua participação nos *Tambores do Buieié* alteraram a sua relação com o bairro.

Notamos que tal participação é motivo de *status*, pois estes meninos e meninas ficam em mais evidência e, por onde passam, são elogiados por sua música. Os relatos a seguir evidenciam isto:

O pessoal da rua fala coisas melhores da gente, eles vêem que a gente não briga só, que a gente faz outras coisas boas também.(Entrevistada A – 18 anos, data: outubro de 2008)

Olha, eu nunca tive vergonha de morar aqui, hoje quando eu falo pra alguma gatinha que eu sou do Buieié, elas vão logo perguntando se eu toco nos Tambores e tal.. todo mundo conhece a gente agora.(Entrevistado E– 15 anos, data: outubro de 2008)



Figura 23 Apresentação na Praça Silviano Brandão, em Viçosa, no dia da cidade.

Autora: Isabella Vitória, data: setembro de 2008

Além do *status* que representa fazer parte do grupo, os jovens relataram também que sua participação nos Tambores constitui-se em uma oportunidade para viajar e sair de casa para conhecer outras pessoas realidades, fortalecendo desta maneira o próprio vínculo entre o grupo do Buieieí. Como no relato a seguir: “Porque agora vou poder sair mais de casa, conhecer mais pessoas” (Entrevistada G - 13 anos, data: outubro de 2008)

Notamos, porém, que parte da população do Buieieí está bastante descrente, tanto em relação ao governo e seus projetos – como o Ponto de Cultura – assim como em relação ao papel Universidade. Quando indagamos a líder do bairro sobre o que ela espera sobre o Ponto de Cultura ou das intervenções da Universidade, a resposta foi a seguinte:

Isto [o Ponto de Cultura e nossas pesquisas da Universidade] pode até trazer benefícios.. mas eu num tô acreditando muito não! A gente é que vai ter que botar a mão na massa Bell! Se a gente ficar esperando, a gente vai cansá! (Líder do bairro– 43 anos, data: outubro de 2008)

Dessa maneira, podemos concluir que os Tambores representam para estes adolescentes muito mais do que uma diversão, mas também a oportunidade de conhecer outros lugares, outros mundos e outras formas de organização social. E este fato, faz com

que estes adolescentes assimilem outras culturas que se somam à sua promovendo, desta forma, uma forte hibridização de culturas e, conseqüentemente, a construção de novas identidades .

Capítulo 6 – Conclusão: A construção de novas identidades locais?

Como observado no decorrer de nossa monografia, sustentamos a hipótese de que o bairro Buieié possui novas identidades locais. Estas novas identidades locais são construídas a partir do contato com outras culturas e outras formas de organização social, que estes adolescentes estão expostos, principalmente, mediante as atividades da ONG NAVI, que proporciona a eles viajar e conhecer outros grupos.

A partir das histórias contadas pelos mais velhos, pudemos observar que a relação que eles tinham com o lugar era diferente das que os jovens têm com o Buieié. Os velhos possuíam uma relação de comunidade, uma vez que passavam por problemas semelhantes, tanto em relação à inexistência de infra estrutura do bairro, quanto às péssimas condições financeiras. Atualmente, o que se percebe é que os moradores do bairro possuem outra relação com o seu lugar, uma vez que redefiniram suas identidades locais a partir do contato com o outro.

Eles deixaram aquela identidade de um povo essencialmente rural, passando a incorporar valores da cidade, isso pode ser claramente observado na paisagem do lugar que sofreu intensas modificações nos últimos 30 anos. A ONG NAVI, só veio a somar este processo de incorporação de outros elementos à estas identidades, através de suas atividades que fazem com que os jovens do Buieié se desloquem para outros estados, a fim de se encontrar com outros grupos.

O fato de incorporarem valores da cidade e de outras culturas, fez com que eles começassem a se importar com os problemas internos de seu bairro, ou seja, fez com que eles acreditassem que pudessem melhorar as condições de vida de sua população. Para isso, sabem que os principais agentes neste processo serão eles mesmos. Talvez, por isso, por esta responsabilidade que carregam, algumas ações ainda são muito pontuais (em suas casas ou em suas paróquias, por exemplo), ou seja, não atingem a todo bairro. Mas reiteramos que a população deste bairro não está passiva frente a tantos problemas e que talvez por não saberem a quem recorrer, muitas vezes acabam sendo iludidos por promessas que não saem do papel.

Afirmamos que o Buieié é um bairro muito carente tanto de infra-estrutura quanto de atividades de lazer e de capacitação para os adolescentes. É um bairro esquecido pelas

autoridades viçosences que só o procuram nos períodos eleitorais. Acreditamos que o Estado e também a Universidade deve se posicionar frente a estes graves problemas, promovendo mais pesquisas e ações no local e, com isso, intervindo conjuntamente com os moradores com o intuito ²⁶ de melhorar a qualidade de vida destes que ainda vivem em condições de extrema pobreza.

Pudemos constatar através dos relatos e as conversas informais com os moradores do Buieié, que mudanças já estão sendo pensadas e, talvez, o que está realmente faltando é crença, por parte dos próprios moradores, no potencial que têm para conseguirem o que querem. Acreditamos que um passo fundamental foi dado: a criação da Associação dos Moradores do Buieié que, segundo a líder, até o final do ano de 2008, irá ser feita a primeira eleição para a formação da diretoria.

Desse modo, as novas identidades locais do Buieié se afirmam no momento em que eles se organizam enquanto grupo, podendo ser o Grupo Tambores, enquanto o grupo que constrói e faz a manutenção das Igrejas, enquanto o grupo que pensa melhorias para o bairro, enquanto o grupo que organiza eventos em comemoração aos dias santos e enquanto o grupo que se orgulha de morar no bairro, apesar de saber de todo o preconceito que sofrem por serem negros e pobres. E, principalmente, quando se enxergam enquanto um grupo que escreve sua própria história, possuindo o poder de mudá-la sempre que julgarem necessário.

²⁶ Isto é, promover ações conjuntas com os moradores

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Maurício de A. Sobre a Memória das Cidades. In: **Revista Território**, revista do programa de pós graduação em geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EdUFRJ, n.4, p.6-24, jan./jul. 1998.

ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.

ALENCAR, R. **Fatos e Vultos de Viçosa**. Viçosa: s/ editora, 1959.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 10^a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOSSÉ, Mathias Le . As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In.: CORRÊA, Roberto I. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

CARLOS, Ana F. A. O turismo e a produção do não-lugar. In.: YÁZIGI, Eduardo *et alli* (Orgs.). **Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura**. São Paulo: HUCITEC, 1999

CERTEAU, M.; GIARD, L & MAYOL, P. **A Invenção do Cotidiano : Morar e Cozinhar**. 7^a edição. Petrópolis- RJ : Editora Vozes, 2008.

CORRÊA, R. L. Formas Simbólicas e Espaço – Algumas Considerações. In.: **Revista GEOgraphia**, revista da pós graduação em geografia da Universidade Federal Fluminense. Niterói: s/ editora, n. 17, p.7-17, jan./jul. 2007.

COSGROVE, D. E. Em direção a uma geografia cultural radical: Problemas da Teoria. In.: CORRÊA , R. L. 4 ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CLAVAL, P. A **Geografia Cultural**. 2^a edição. Florianópolis: EDUFSC, 2001.

DUNCAN, J. S. O supra – orgânico na Geografia cultural Americana. In.: CORRÊA , R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

GOMES, P. C.C. **Geografia e Modernidade**. 6^a edição. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2007.

HAEBART , Rogério. **Des- territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAÚJO, Frederico G. B. de & HAESBAERT, Rogério (Orgs.). **Identidade e Territórios**: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Editora ACCESS, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós modernidade**. 11^a edição. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

LOPEZ, I. **Memória Social**: Uma metodologia que conta história de vida e o desenvolvimento local. 1^a edição. São Paulo: Museu da Pessoa: SENAC, 2008.

LUCHIARI, M. T. D. P. A resignificação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

MAIA, D. S. A Geografia e o estudo dos costumes e tradições. In: **Revista Terra Livre**, revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros .n. 16. São Paulo, 2001.

MASSEY, D. **Pelo Espaço**: Uma nova política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, V. M. Paisagem e Simbolismo. In: ROSENDAHL, Z. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

MIKESELL, M.E & WAGNER, P.L. Os temas da Geografia Cultural. In.: CORRÊA, R. L. 4 ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Editora Contexto, 2007

PEDROSO, I.V.C.P. Cartilha **Memórias do Buieié**, 2008.

PEREIRA, G. P. P. B. **Homens, Mulheres e Masculinidade no Buieié**. Viçosa, 1999. Dissertação (mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2001.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o Espaço. In.: CASTRO, I. E. et alli (Orgs). **Explorações Geográficas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. São Paulo: _____, 1977.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

ANEXOS

Anexo 1 – Entrevistas com os velhos

- 1) Origem :
- 2) Sempre morou no Buieié?
- 3) Se não, de onde veio ou para onde foi?
- 4) Por que veio para o local?
- 5) Data de nascimento :
- 6) Profissão que possuía :
- 7) Durante quanto tempo trabalhou?
- 8) Trabalhou com carteira assinada?
- 9) Saiu de Viçosa para trabalhar?
- 10) Recebe aposentadoria do governo?
- 11) Qual valor?
- 12) Com esse salário, sustenta quantas pessoas?
- 13) Estado civil?
- 14) Possui filhos? Quantos?
- 15) Sabe ler e escrever?
- 16) Possui religião?.
- 17) Paga aluguel?
- 18) Possui escritura da casa?
- 19) O que o(a) senhor(a) lembra das lendas que seus pais contavam para você?
- 20) Você acreditava? Tinha medo?
- 21) Seus pais lhe contavam como era o Buieié quando eles moravam aqui?
- 22) Eles lhe contaram a história da origem do Buieié?
- 23) Quais foram as principais tradições /costumes que seus pais lhe passaram e que o(a) senhor(a) ainda segue?
- 24) O que piorou e o que melhorou aqui no Buieié?
- 25) Você lembra de algum caso que te marcou (tanto que você lembra quanto que você presenciou) assassinatos, personalidades?

ANEXO 2 – Entrevista com os jovens

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Local de nascimento
- 4) Se não nasceu no Buieié, por que veio morar no bairro?
- 5) Profissão. Com esse salário sustenta quantas pessoas?
- 6) Escolaridade. Onde estuda?
- 7) Desde quando participa das atividades da NAVI?
- 8) Você as considera importante para sua formação cidadã? Por que?
- 9) Você já teve vergonha de morar aqui? Por que?
- 10) As aulas fazem com que você tenha orgulho daqui?
- 11) O que você conhece das histórias contadas pelos mais velhos do bairro? Você acredita?
- 12) Você segue alguma tradição de seus antepassados? Qual? Por que?
- 13) Quais as mudanças no bairro que te chamaram atenção nos últimos 5 anos?
- 14) Você mudaria alguma coisa aqui? O que? Por que?
- 15) Quais os lugares mais freqüentados por você aqui? Por que?
- 16) Você pode desenhar seu bairro para uma pessoa que quer visitar o Buieié pela primeira vez.

Anexo 3 – Entrevista com a líder do bairro

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Local de nascimento
- 4) Profissão. Com esse salário sustenta quantas pessoas?
- 5) O que você pensa das atividades feitas pela NAVI no bairro?
- 6) Antes dela era pior ou melhor a qualidade de vida dos jovens? Por que?
- 7) Vocês possuem algum tipo de associação? Há subprefeito no bairro?
- 8) Vocês se unem para discutir problemas do bairro? Por que?
- 9) Como a prefeitura atua no bairro? Ela atende os pedidos dos moradores?
- 10) Vocês sentem que nas épocas de eleições as promessas aumentam? Como vocês lidam com isso?
- 11) Como a comunidade enxerga as atividades da NAVI? E sobre o ponto de cultura existe alguma resistência de alguns moradores?
- 12) Vocês foram consultados para saber se queriam Ter um ponto de cultura no bairro?
- 13) Vocês acreditam que o Ponto de Cultura trará benefícios para os adolescentes e para as crianças? Por que?

ANEXO 4 – Entrevista com o professor da NAVI

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Local de Nascimento
- 4) Além de ser professor da NAVI, possui outra profissão?
- 5) Qual a filosofia da NAVI, isto é, o que ela pretende ensinando os adolescentes do Buieié a tocar tambores?
- 6) Quais são as maiores dificuldades?
- 7) Você poderia fazer um histórico da NAVI e sua inserção nos bairros rurais de Viçosa, especialmente no Buieié?
- 8) Em relação ao ponto de cultura, quais os benefícios que ele trará para a comunidade? O que vocês pretendem com o Ponto de cultura?
- 9) Em algum momento, os moradores foram consultados para saber se eles queriam de fato Ter um ponto de cultura lá?
- 10) Eles sabem o que é um ponto de cultura?
- 11) Como funciona o Ponto de Cultura? Quanto recebe um ponto de cultura?
- 12) Você sentiu alguma diferença nos adolescentes depois de freqüentarem as atividades da NAVI?